



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

Formação de Professores: potencialidades e desafios de uma proposta formativa para a Educação do Campo

Vagner Viera de Souza

Prof.^a Dr.^a Elaine Corrêa Pereira
Orientadora

Rio Grande
2019

VAGNER VIERA DE SOUZA

**Formação de Professores: potencialidades e desafios de
uma proposta formativa para a Educação do Campo**

Prof.^a Dr.^a Elaine Correa Pereira
Orientadora

Rio Grande, 2019.

Ficha catalográfica

S729f Souza, Vagner Viera de.

Formação de professores: potencialidades e desafios de uma proposta formativa para a Educação do Campo / Vagner Viera de Souza. – 2019.

139 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2019.

Orientadora: Dra. Elaine Correa Pereira.

1. Formação de Professores 2. Educação do Campo
3. Tecnologias Digitais 4. WhatsApp I. Pereira, Elaine Correa
II. Título.

CDU 371.13

VAGNER VIERA DE SOUZA

**Formação de Professores: potencialidades e desafios de
uma proposta formativa para a Educação do Campo**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaine Correa Pereira

Linha de Pesquisa: Educação Científica: processos de ensino e aprendizagem na escola, na universidade e no laboratório de pesquisa.

Rio Grande, 2019.

VAGNER VIERA DE SOUZA

Formação de Professores: potencialidades e desafios de uma proposta formativa para a Educação do Campo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elaine Corrêa Pereira – Universidade Federal do Rio Grande – FURG (Orientadora)

Profa. Dra. Celiane Costa Machado – Universidade Federal do Rio Grande – FURG (Membro do Programa de Pós-Graduação)

Profa. Dra. Lisiane Costa Claro – Universidade Federal do Tocantins – UFT (Membro Externo)

*Aos meus pais, Arion e Auta.
Minha eterna gratidão pelo carinho, apoio e ensinamentos.
Vocês são os meus exemplos de dedicação, dignidade e
honestidade.*

AGRADECIMENTOS

“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe”. (Clarice Lispector)

Nunca caminhamos sós! Ao longo de minha trajetória de vida, muitas pessoas perpaçaram o meu caminho. De todas elas, hoje, trago comigo um pedaço. Assim me constituo.

Sou grato por todos os ensinamentos, pelas dúvidas despertadas e pela inquietação constante que me move a cada dia. Desta forma agradeço:

Aos meus pais, pela educação e por terem proporcionado meios para que eu me tornasse a pessoa que hoje eu sou. Sempre presentes em minha vida, incentivam, respeitam e apoiam as minhas decisões.

Ao querido amigo Sícerio, grande motivador. Parceiro de vida e de caminhada acadêmica, sempre presente nos bons e nos maus momentos. Obrigado por tudo mas, principalmente, por sempre acreditar em mim!

Ao meu companheiro Diogo, por fazer parte da minha vida. Com certeza, esta caminhada sem você teria sido sem cor.

Aos amigos Rodrigo, Ingrid, Daiane, Virgínia, Márcio, Jean, Veridiana, Ronaldo e Samuel, pelos momentos vivenciados.

À Professora Dra. Elaine Corrêa Pereira, querida orientadora, agradeço pela parceria e pelos laços que se constituíram ao longo desta trajetória. Obrigado por me proporcionar tantas aprendizagens!

Aos colegas do grupo de pesquisa FORPPE.

Aos professores, colegas e funcionários do PPGEC/FURG.

E à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Muito obrigado!

RESUMO

Para refletir sobre a Formação de Professores, em um âmbito geral, é preciso pensar em quão diferentes são os sujeitos que atuam nesta atividade. Ao voltarmos os nossos olhares para a Formação dos Professores que atuam na Educação do Campo, necessitamos respeitar as especificidades do contexto de atuação destes profissionais. A Proposta de Formação Continuada para as Escolas do Campo – ProfCampo, ocorreu durante o segundo semestre de 2018 nas três Escolas do Campo municipais, as quais ofertam os anos finais do ensino fundamental. Esta pesquisa de cunho qualitativo tem por objetivo identificar as potencialidades do ProfCampo enquanto espaço formativo semi-presencial para os professores dos anos finais das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS). Os sujeitos pesquisados constituem-se por 20 professores dos anos finais das Escolas do Campo da rede municipal de ensino do Rio Grande (RS), os quais participaram desta proposta formativa. Enquanto instrumento de produção dos dados, utilizamos o questionário, o qual foi disponibilizado on-line, a partir do *Google Forms*. Em relação a análise dos dados, utilizamos como proposta metodológica, a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefèvre e Lefèvre (2005). Com a finalidade de responder a questão de pesquisa: “Quais as contribuições do ProfCampo para a formação de professores dos anos finais do ensino fundamental das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS) ?”, após operarmos a técnica de análise, obtivemos três discursos coletivos: “A Formação sob o Olhar dos Professores”, “O Olhar Sobre Educação à Distância e Presencial” e “O Olhar dos Professores Sobre o ProfCampo”. Em nossas considerações finais, apresentamos algumas reflexões acerca dos resultados encontrados após a análise dos discursos, bem como sugestões embasadas nas falas do sujeito coletivo, com a finalidade de qualificar as atividades do ProfCampo e, potencializá-lo enquanto uma proposta formativa semi-presencial recorrente do município de Rio Grande (RS). A pesquisa identificou aspectos positivos e negativos da proposta formativa, sob o olhar dos professores pesquisados, ao mesmo tempo em que identifica o ProfCampo enquanto um movimento importante na construção de novas possibilidades formativas, as quais levam para o contexto do Campo novas metodologias e, permeie novas aproximações com as tecnologias digitais presentes na sociedade globalizada atual.

Palavras-chave: Formação de Professores; Educação do Campo; Tecnologias Digitais; WhatsApp.

ABSTRACT

In order to reflect on Teacher Training, in a general context, it is necessary to think about how different the subjects that act in this activity are. When we turn our eyes towards the Formation of Teachers who work in the Rural Education, we need to respect the specifics of the context of these professionals. The Proposta de Formação Continuada para as Escolas do Campo - ProfCampo, took place during the second half of 2018 in the three municipal Rural Schools, which offer the final years of elementary education. This qualitative research aims to identify the potential of ProfCampo as a semi-presential training space for the teachers of Rural Schools in the city of Rio Grande (RS). The subjects surveyed are comprised of 20 teachers who teach for final grades Rural Schools of the municipal school network of Rio Grande (RS), who participated in this training proposal. As a data production tool, we used the questionnaire, which was made available online from Google Forms. In relation to the data analysis, we used as a methodological proposal the Lefèvre and Lefèvre Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) technique (2005). With the purpose of answering the research question: "What are the contributions of ProfCampo to the training of teachers in the final years of elementary school in the Rural Schools of the city of Rio Grande (RS)?", After operating the analysis technique, we obtained three collective discourses: "The Training under the Eyes of Teachers", "The Look on Distance Learning and Presential" and "The Teachers' View About ProfCampo". In our final considerations, we present some reflections about the results found after the discourse analysis, as well as suggestions based on the collective subject's speech, in order to qualify the activities of ProfCampo and to potentiate it as a recurrent semi-presential training proposal of the municipality of Rio Grande (RS). The research identified positive and negative aspects of the training proposal, under the eyes of the teachers researched, while identifying the ProfCampo as an important movement in the construction of new formative possibilities, which lead to the Rural context new methodologies and, promote new approaches with the digital technologies in the current globalized society.

Key Words: Teacher training; Rural Education; Digital Technologies; WhatsApp.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Ancoragens

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EAD – Educação à Distância

ECH – Expressões Chave

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

FORPPE – Programa de Formação Acadêmico Profissional e Práticas Educativas

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

IAD – Instrumento de Análise de Dados

IC – Idéias Centrais

I.E.E – Instituto Estadual de Educação

MPA – Ministério da Pesca e da Agricultura

MST – Movimento dos Sem Terra

NEEAM – Núcleo de Estudos de Ensino e Aprendizagem de Matemática

NEECa - Núcleo de Estudos Sobre Educação do Campo

PAIETS – Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

Pibid – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

ProfCampo – Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo

PRONERA – Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária

ProUni – Programa Universidade para Todos

PPP – Projeto Político Pedagógico

RS – Rio Grande do Sul

SciELO – Scientific Electronic Library Online

SMED – Secretaria de Município da Educação

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 Resultados referentes a primeira busca.....	58
Quadro 3.2 Resultados da busca geral e com a aplicação de filtros	59
Quadro 3.3 Quantidade total de trabalhos encontrados no período 1998 – 2017.....	60
Quadro 3.4 Resultados no período 2013 a 2017, apresentados ano a ano	60
Quadro 3.5 Resultados da busca geral e com a aplicação de filtros	61
Quadro 3.6 Quantidade total de trabalhos encontrados e nos últimos cinco anos	62
Quadro 3.7 Resultados no período 2013 a 2017.....	62
Quadro 3.8 Resultados da busca geral e com a aplicação de filtros	63
Quadro 3.9 Quantidade total de trabalhos encontrados e nos últimos cinco anos	63
Quadro 3.10 Resultados do período 2013 a 2017	64
Quadro 4.1 Distribuição dos sujeitos da pesquisa, por área do conhecimento	72
Quadro 4.2 Distribuição dos sujeitos da pesquisa, por tempo de atuação	73
Quadro 4.3 Distribuição dos sujeitos da pesquisa e seus cursos de pós-graduação ...	74
Quadro 4.4 Instrumento de Análise de Discursos (IAD 1).	78
Quadro 4.5 Instrumento de Análise de Discursos (IAD 2)..	79

SUMÁRIO

Primeiras Palavras	13
Capítulo 1 – Caminhos Percorridos	18
1.1 Caminhos que Trouxeram-me Até Aqui.....	20
1.2 A Proposta de Pesquisa	26
Capítulo 2 – O Campo Enquanto Espaço de Educação e Resistência	28
2.1 A Educação do Campo e Suas Possibilidades	32
2.2 Formação de Professores do Campo e Suas Possibilidades.....	38
Capítulo 3 – Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo - ProfCampo	44
3.1 A Chegada das Tecnologias Digitais	46
3.2 As Tecnologias Atuais e as Possibilidades para uma Educação do Campo Digital	50
3.3 A Proposta Formativa ProfCampo	53
3.4 Estudo da Produção Científica Brasileira Entrelaçando Tecnologias e Educação do Campo.....	58
Capítulo 4 – Caminhos Metodológicos	67
4.1 Pesquisa Qualitativa.....	69
4.2 Produção dos Dados	71
4.3 Análise dos Dados.....	74
Capítulo 5 – O Olhar sobre os Espaços Formativos da Educação do Campo	82
5.1 A Formação sob o Olhar dos Professores	84
5.2 O Olhar sobre Educação à Distância e Presencial	91
5.3 O Olhar dos Professores sobre o ProfCampo.....	95
Considerações Finais	103
REFERÊNCIAS	107
Apêndice I	114
Apêndice II	117



Primeiras Palavras

*“Não há ensino sem
pesquisa e pesquisa sem
ensino”.*

Paulo Freire.

Esta pesquisa emerge das indagações que foram surgindo ao longo de uma trajetória pessoal e profissional. Da mesma forma, as possíveis respostas encontradas serão acompanhadas de novos questionamentos. Ao reconhecer a importância do encharcamento no tema de pesquisa, expomos nosso interesse pela temática a ser pesquisada, nossas inquietações que surgem a partir da caminhada pelos contextos a serem investigados.

Desta forma, adentramos a Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo (ProfCampo), enquanto nosso campo empírico, sob a intenção de investigar como acontece a formação de professores oriundos dos contextos das Escolas do Campo municipais.

Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é **identificar as potencialidades do ProfCampo enquanto espaço formativo semi-presencial para os professores dos anos finais das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande/RS.**

Uma proposta de pesquisa surge em meio as convicções do pesquisador, bem como das discussões que emergem no decorrer da construção do trabalho. Garnica (2008) expõe com clareza um "andar" dentro do estudo e o quanto nossas concepções modificam durante o processo de execução de uma pesquisa:

Concepções são tidas como 'coisas', e muitas das pesquisas sobre essas 'coisas' julgadas estáticas e facilmente detectáveis podem ser comparadas aos testes experimentais que tanto sucesso fazem no mundo da propaganda: um branco amarelado (as concepções anteriores), um recipiente com potente sabão (as práticas 'alternativas'), o branco mais branco (a nova concepção, via de regra qualitativamente superior em relação à anterior) (p. 498).

Temos consciência de que as pessoas criam estereótipos sobre a realidade da vida no Campo, diretamente ligado a forma em que a mídia e o senso comum apresentam, principalmente, como sendo um lugar de atraso e precariedade, muito distante das "coisas" ditas da cidade, neste caso em destaque estão as tecnologias digitais. Desta maneira, propomos uma reflexão sobre a Educação que se busca para o Campo, construída a partir das lutas das pessoas que nele vivem, sem deixar de lado as especificidades destes sujeitos. Este movimento dá-se através da Formação de Professores, dotada

dos conhecimentos e concepções necessárias para atuarem nas Escolas do Campo.

Assim, esta pesquisa é constituída a partir dos diálogos tecidos em meio às teorias e concepções sobre as temáticas abordadas, bem como aos dados produzidos. Sendo assim, este trabalho está organizado da seguinte forma:

No capítulo 1, **Caminhos Percorridos**, destacam-se as concepções que orientam a proposta de pesquisa. Também são destacadas as andarilhagens do pesquisador pelos espaços de educação bem como as suas implicações na construção da pesquisa e os objetivos do trabalho.

A seguir, no capítulo 2, **O Campo Enquanto Espaço de Educação e Resistência**, são abordadas concepções sobre a Educação do Campo sob o olhar da Educação Popular. Neste capítulo acontece a discussão sobre a Formação de Professores voltada para as Escolas do Campo e as suas possibilidades.

No capítulo 3, **Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo - ProfCampo**, é apresentado um ensaio sobre as Tecnologias Digitais e suas possibilidades para uma Educação do Campo Digital. Logo em seguida, apresentamos de forma detalhada o ProfCampo, descrevendo seus módulos. Por fim, trazemos um estudo sobre a produção científica nacional relacionada às temáticas da Formação de Professores e Tecnologias Digitais.

Posteriormente, no capítulo 4, **Caminhos Metodológicos**, abordamos a pesquisa qualitativa. Na sequência apresentamos o instrumento de produção dos dados e os sujeitos da pesquisa. Por fim, trazemos a técnica de análise dos dados, Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), exemplificando a sua operação.

No Capítulo 5, **O Olhar sobre os Espaços Formativos da Educação do Campo**, trazemos a análise dos dados produzidos ao longo desta pesquisa, apresentando os DSC's que emergiram deste movimento: "A Formação sob o Olhar dos Professores", "O Olhar Sobre Educação à Distância e Presencial" e "O Olhar dos Professores Sobre o ProfCampo".

Nas **Considerações Finais**, apresentamos nossas ponderações acerca dos discursos coletivos provenientes dos sujeitos pesquisados. Dentre as potencialidades do ProfCampo identificadas pelos professores em seus DSC's, trazemos contribuições no sentido de qualificar o ProfCampo enquanto

ferramenta para a formação de professores dos anos finais do ensino fundamental das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS).



Capitulo 1

Caminhos Percorridos

*“Não há ensino sem
pesquisa e pesquisa sem
ensino”.*

Paulo Freire.

Narrar a nossa trajetória, por muitas vezes, pode não parecer uma tarefa fácil. Temos que nos transportar de volta ao passado na tentativa de criar uma linha temporal, na qual vamos enumerando os acontecimentos pelos quais passamos. Após reviver estes fatos, chega a hora de organizá-los a fim de tornar claro para as outras pessoas, os caminhos pelos quais percorremos e as relações com a temática estudada. É imprescindível neste momento narrar estes eventos na primeira pessoa, visto que neste capítulo narro parte da minha trajetória. Ainda, neste capítulo, trago a proposta de pesquisa que emerge a partir das minhas inquietações enquanto pesquisador.

1.1 Caminhos que Trouxeram-me Até Aqui

Com o pensamento do grande educador Paulo Freire, trazido em uma das suas pedagogias, “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (Freire 1999, p.155), começo a escrita de algumas linhas sobre os caminhos que trouxeram-me até aqui.

Quando compartilhamos a nossa história com alguém, permitimos que parte das nossas experiências reveladas se entrelacem com a história de outras pessoas, produzindo uma nova realidade para ambos. O exercício de conhecer o outro está diretamente ligado à importância de conhecer a si próprio, pois a auto-reflexão permeada pelos nossos medos e anseios, possibilita um espaço fecundo para novos aprendizados.

Faço parte de uma parcela da população brasileira que nos últimos anos teve acesso às Universidades Públicas do país, vindo de uma família de trabalhadores das classes populares. Meus pais, ambos oriundos de localidades interioranas do estado do Rio Grande do Sul, não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola. Sabem ler, escrever e executar cálculos matemáticos, mas trazem o seu grande aprendizado das experiências vivenciadas. O seu legado, de uma vida de trabalho duro e honesto, foi fundamental nas escolhas que trouxeram-me até aqui. A crença dos meus pais na educação, juntamente com a esperança de uma vida melhor, motivaram-me e ainda motivam a enfrentar os obstáculos tão comuns em um país com tamanha desigualdade social.

No ano de 1999, ao concluir o Ensino Fundamental, ingressei no Colégio Estadual Lemos Júnior, onde pretendia cursar o Ensino Médio. Desde os primeiros dias de aula não encontrei a motivação necessária para continuar os meus estudos. O novo espaço, os novos colegas e a nova rotina escolar causavam grande estranheza e desmotivação. Devido à isto, passados alguns meses de aula, decidi abandonar a escola.

Foi uma decisão difícil, visto que meus pais enquanto grandes incentivadores dos meus estudos, não receberam bem a minha decisão. Após muito conversarmos decidimos que eu voltaria aos estudos no próximo ano em uma nova escola.

Sendo assim, em 2000 após ser aprovado no processo de seleção, ingressei no Instituto Estadual de Educação (I.E.E.) Juvenal Müller. Nesta instituição de ensino pude cursar durante dois anos o Curso de Magistério no qual tive a oportunidade de discutir temáticas voltadas a educação, relacionadas ao ensino e a sala de aula.

Apesar de já estar bem adaptado à nova rotina, ainda não havia encontrado encantamento com a proposta do curso, a qual era a formação para atuar em sala de aula, mais especificamente com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo deste período que estudei no I.E.E. Juvenal Müller, ocorreram duas experiências em sala de aula, onde desenvolvi atividades pedagógicas. Ocorreram na Escola Estadual de Ensino Fundamental Revocata de Melo e no próprio instituto em que estudava. Ambas experiências foram muito positivas pois permitiram-me avaliar, de certa forma, se era realmente aquilo que eu buscava para a minha vida profissional.

Somados a falta de motivação para trabalhar com crianças juntamente com a imaturidade e inexperiência decorrentes da pouca idade, comecei a questionar-me sobre o que pretendia para o meu futuro. Neste momento surgiu a oportunidade de lançar-me ao mercado de trabalho, através de um estágio em uma instituição bancária. Foi quando eu desisti do magistério, naquele momento, pois seria inviável conciliar um curso vespertino concomitantemente com o expediente bancário. Então no ano de 2002 era o momento de retornar ao Colégio Lemos Jr., no período noturno, o que permitia estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Passado algum tempo após concluir o meu estágio na instituição financeira, no ano de 2006 eu retorno a esta mesma instituição, desta vez para atuar como prestador de serviços. Foram experiências muito enriquecedoras, as quais me propiciaram conhecer novas pessoas e adquirir novos conhecimentos.

Neste ambiente de trabalho, tive contato com as tecnologias da informação, o que foi fundamental para despertar a curiosidade sobre a potencialidade destas ferramentas no desenvolvimento de inúmeras tarefas. À partir disto surge o meu interesse que, aliado à minha aptidão pela tecnologia, propiciaram o meu ingresso no curso de Tecnologia em Sistemas para Internet, pela Faculdade Anhanguera Educacional, no ano de 2009.

O meu ingresso ao Ensino Superior se deu através do Programa Universidade para Todos (ProUni), criado em 2004 pela Lei nº 11.096/2005 com a finalidade de concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação em instituições privadas de educação superior no Brasil. Este Programa foi fundamental para a continuação dos meus estudos assim como, certamente, foi essencial para muitos estudantes brasileiros que não tiveram a oportunidade de ingressar em uma Universidade Pública. É válido lembrar que naquela época o acesso às universidades se dava através de concorridos vestibulares, nos quais, salvas exceções, só atingiam a aprovação aquele grupo de estudantes que passavam por uma boa preparação, em sua maioria formado por pessoas que tinham condições financeiras de estudar em escolas privadas e de cursar bons cursos pré-vestibulares.

Durante o período de dois anos e meio em que frequentei este ambiente de ensino, ampliando meus horizontes à novas perspectivas, vivenciei novas experiências onde a tecnologia se fazia muito presente. Do simples gosto pela tecnologia surgiu uma vontade de aprender mais. Mesmo este não sendo um curso de licenciatura, o contato com os meus colegas e professores despertaram em mim novamente o pensamento de que eu poderia atuar em sala de aula. Daí a minha decisão de buscar novos espaços acadêmicos. Consecutivamente à minha formação como Tecnólogo em Sistemas para Internet, dou um passo à frente rumo a uma nova oportunidade.

No ano de 2012 realizei minha inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com intuito de ingressar numa Universidade Pública. No ano de 2013 inicio meus estudos no curso de Geografia Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Apesar de parecer algo desconexo à minha primeira formação, optei por este curso devido a dois motivos: primeiro pelo fato de estar inserido no mercado de trabalho e dispor apenas do período noturno para dedicar-me aos estudos e, em segundo lugar pela ampla abordagem que a Geografia, enquanto ciência, faz dos variados fenômenos da natureza, tanto no âmbito social com a Geografia Humana, quanto no que diz respeito aos estudos da Geografia Física.

Milton Santos, geógrafo brasileiro, que dentre diversas obras também se destacou por seus trabalhos sobre a globalização, certa vez disse que: "o espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas" (1994, p. 31). Isso significa que devemos globalizar o conhecimento bem como a sua utilização. E em uma rede de relações humanas devemos estabelecer a inserção dos lugares considerando e valorizando a singularidade em meio à totalidade. Ou seja, promover uma sociedade mais solidária e mais igualitária. Este pensamento encontra-se em consonância com a minha perspectiva de Educação Popular, na qual o meio não pode tornar-se o determinante da trajetória de um sujeito, mas o seu protagonismo é o grande responsável pelo seu sucesso ou desventura.

Desde que iniciei os meus estudos na FURG em 2013, tive a oportunidade de me inserir no Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnicos e Superior (PAIETS) o qual promove cursos populares de preparação para as provas do ENEM dentre outros projetos. Dentro do Programa, fui convidado a atuar no Projeto Educação para Pescadores, ministrando aulas da disciplina de Geografia. O Projeto Educação para Pescadores tinha por objetivo contribuir com os pescadores artesanais e agricultores da comunidade da Iha dos Marinheiros que não haviam concluído o Ensino Fundamental e Médio, respeitando as especificidades destas comunidades pesqueiras. Neste momento começo a minha trajetória docente por caminhos que ainda venho percorrendo, pelos quais aprendo e reflito sobre Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Comunidades Tradicionais e Educação do Campo.

Em 2014, com a conclusão do ciclo do Ensino Médio no contexto no qual atuava, o Projeto Educação para Pescadores, após reconhecimento nacional através do Ministério da Pesca e da Agricultura (MPA), passou por uma reformulação. Começamos percorrer novos caminhos, desta vez em direção ao Taim. Neste ano o projeto passa a atuar na formação do Ensino Fundamental na comunidade da Capilha, atendendo cerca de 20 alunos. Mais uma vez ministrando aulas de Geografia, fui reafirmando a minha identidade docente e a cada ida e vinda, percorrendo cerca de 70 quilômetros desde o centro de Rio Grande até a Capilha, tinha a certeza de que estava trilhando o caminho certo.

Enquanto cursava a minha licenciatura sempre tive muito interesse pelas atividades práticas, as quais nos colocavam enquanto mediadores ou problematizadores frente a sala de aula. Particpei de algumas atividades para além dos muros da universidade, o que sempre era bastante desafiador. Acredito que um professor deve provocar-se e instigar-se para que jamais perca a sua vivacidade. Sendo assim, busco transformar cada situação exitosa ou não, em uma experiência que promova algum tipo de aprendizado.

Na continuação do ano de 2014, tive a oportunidade de participar voluntariamente do Programa Mais Educação. Este Programa instituído através da Portaria Interministerial nº 17/2007 e pelo Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, (BRASIL, 2007) com intuito de integrar as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do governo para o incentivo à ampliação do tempo na escola juntamente com a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. Minha atuação deu-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Cristóvão Pereira de Abreu, situada na comunidade da Torotama. Por esta ser uma Escola do Campo, desenvolve seu trabalho pedagógico voltado às questões populares e do campo. Dentre as atividades que exerci, destaco a minha atuação junto aos alunos em projetos de informática, conscientização à conservação do meio ambiente, teatro, bem como a minha atuação nas atividades de formação de professores ofertadas na escola em horário de trabalho.

A escola tem por perfil reunir todos os seus colaboradores para a suas atividades de formação. Estas atividades são realizadas dentro de um plano de ação da escola, envolvendo os sábados formativos e as horas atividades e realizadas durante a semana, tem por objetivo discutir temáticas relacionadas

às práticas pedagógicas dos professores, que atuam desde a Educação Infantil até os Anos Finais do Ensino Fundamental. Partilhar destes espaços junto aos professores(as) da escola, onde eles(as) expunham suas dificuldades, anseios e desafios, começaram a despertar em mim um interesse especial pelo tema formação de professores.

Na busca por novos desafios, em 2015, inseri-me no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no Subprojeto Interdisciplinar, o qual possibilitou-me conviver com um grupo de pessoas bastante diverso. Nos encontros semanais, convivi com estudantes de diversos cursos de licenciatura, juntamente com professores(as) que traziam nas suas bagagens experiências que eram compartilhadas conosco durante as reuniões. Esta foi uma época de muitas aprendizagens, pois a oportunidade de estar inserido na escola sempre contribui de maneira significativa em minha formação.

Nossas discussões sobre interdisciplinaridade e atuação em sala de aula eram muito ricas, no que tange um novo olhar sobre a educação e o fazer pedagógico dos professores. Foram destes momentos de debate e reflexões que surgiu a curiosidade e a vontade de conhecer mais sobre a formação de professores. Como ela acontece? Quais são os recursos que o professor dispõe para atuar em sala de aula? Será que o professor está em constante formação? Qual é a real situação do ensino hoje nas escolas e o que podemos fazer para melhorá-lo? Estes foram alguns dos questionamentos que começaram a redundar nos meus pensamentos, dando origem às inquietações que hoje me movem.

Destas muitas inquietações que trago comigo, destaco a formação de professores, em consonância com a sociedade tecnológica atual em que vivemos. Principalmente na Educação do Campo que é o contexto no qual venho constituindo-me desde o início da minha formação. É imprescindível pensar em uma educação voltada para as comunidades tradicionais do campo, a qual considere todas as singularidades que constituem estas comunidades, respeitando suas crenças, costumes e tradições. Diferentemente de impor um modelo de educação que, por sua vez, possa não ter significado e promover a evasão destes sujeitos. Não basta a escola estar no campo, ela precisa seguir os princípios norteadores e a proposta da Educação do Campo.

Com o objetivo de aprofundar os estudos na perspectiva de Formação de Professores, no ano de 2015 inseri-me no Núcleo de Estudos de Ensino e Aprendizagem de Matemática (NEEAM) e, logo em seguida no Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas (FORPPE). Com o apoio do grupo de estudos, encontrei aprofundamento conceitual e teórico que auxiliaram-me na construção de um projeto de pesquisa, com o objetivo de concorrer à seleção de Mestrado no Programa Educação em Ciências da FURG. O meu ingresso neste Programa ocorreu no segundo semestre de 2017, e está oportunizando-me dialogar sobre as temáticas em estudo.

1.2 A Proposta de Pesquisa

Das aprendizagens emergem inquietações e reflexões. E pensando mais além, no que diz respeito aos nossos professores, será que eles estão preparados para desenvolver suas atividades pedagógicas em uma sociedade cada vez mais instrumentalizada por ferramentas digitais? É inerente à profissão do professor a constante atualização e revisão dos seus conhecimentos. Para isso, existem espaços formativos onde é desenvolvido um trabalho de ressignificação do “ser professor” com o “fazer pedagógico”, no intuito de alcançar as proposições essenciais para a sua qualificação. Mas estes espaços promovem ao professor atualizar-se no que tange os novos meios digitais de aprender e ensinar?

A partir disto, iniciamos uma pesquisa no caminho de compreender como dá-se esta relação entre Formação de Professores e Tecnologias Digitais, como ferramenta metodológica no processo de formação. Para esta tarefa, utilizaremos como campo empírico a Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo (ProfCampo), ofertado pela Secretaria de Município da Educação (SMEd) de Rio Grande (RS), para os professores dos anos finais das Escolas do Campo da rede municipal de ensino. Esta proposta tem por objetivo promover um espaço de Formação Continuada por meio do modelo semi-presencial, utilizando o software de mensagens instantâneas *Whatsapp* como ferramenta facilitadora na comunicação e integração dos seus participantes.

Para o desenvolvimento desta tarefa, este trabalho será centralizado na seguinte questão de pesquisa: **Quais as contribuições do ProfCampo para a formação de professores dos anos finais do ensino fundamental das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS)?**

Ao longo do seu desenvolvimento, esta pesquisa visa alcançar o seguinte objetivo: **Identificar as potencialidades do ProfCampo enquanto espaço formativo semi-presencial para os professores dos anos finais das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS).**

Estas concepções são bastante fecundas no nosso entendimento e necessitam ser atravessadas pelas discussões sobre Formação de Professores e Tecnologias Digitais na Educação do Campo, aproximadas as concepções de Educação Popular. No próximo capítulo traremos à reflexão as temáticas da Formação de Professores.



Capítulo 2

O Campo Enquanto Espaço de Educação e Resistência

*“Nunca ande pelo
caminho traçado, pois ele
conduz somente até onde
os outros já foram”.*

Alexander Graham Bell.

A finalidade deste capítulo é discutir a Formação de Professores do Campo na perspectiva da Educação Popular. Inicialmente, iremos abordar a Educação do Campo e a Educação Rural com intuito de compreender suas concepções. Em um segundo momento, com enfoque na historicidade do Brasil, abordaremos os movimentos da Educação Popular e as suas possibilidades enquanto ferramentas para a autonomia dos sujeitos do campo.

Para darmos início a esta conversa faz-se necessário pontuar alguns conceitos e seus significados. Sendo assim, é imprescindível falarmos sobre as diferenças entre Educação do Campo e Educação Rural. Ambos os termos podem parecer ter o mesmo significado, porém suas definições se afastam quando observadas mais de perto. Isto faz parte de um debate atual, onde prevalece o que é mais aceito no meio acadêmico por aqueles que estudam esta temática. Leite (1999), por sua vez, destaca o papel do Estado no início do século XX, quanto ao desenvolvimento da extensão rural e à preocupação em relação a uma educação considerada atrasada, em comparativo ao que era desenvolvido no meio urbano. Nesta concepção, as pessoas que ocupavam os espaços rurais eram entendidos como sujeitos atrasados e a política educacional da época era organizada de acordo com os interesses capitalistas e alinhada a conjuntura do momento.

Sendo assim, em meados de 1960, Paulo Freire teve um importante papel no que podemos chamar de revolução das práticas educativas. Segundo (Leite, 1999, p 43) “Freire (...) criou os métodos de educação popular, tendo por suporte filosófico-ideológico os valores e o universo sociolinguístico-cultural desses mesmos grupos”. Neste trecho, podemos destacar a relevância de reconhecer os valores e as culturas destes sujeitos em aprendizagem; principalmente quando um dos procedimentos da Educação Popular é partir dos conhecimentos que os sujeitos já possuem, mesmo que não acadêmicos, mas suficientes para encontrar significações com as informações novas que lhe são apresentadas.

A Educação do Campo esta muito ligada à história recente de luta dos movimentos sociais no Brasil, que foram acirradas a partir dos anos 1980. Nesta década havia um número reduzido de Escolas do Campo, as quais trabalhavam com conteúdos exclusivamente direcionados ao cotidiano urbano, ignorando a existência dos homens e mulheres do campo e das atividades nele

desenvolvidas. Nesta mesma época houve um aumento no número de ocupações e assentamentos organizados pelo Movimento dos Sem Terra (MST), que não satisfeitos com a situação da educação na época, que desconsiderava a vida no campo, produziram documentos que apresentavam as necessidades, bem como as possibilidades para a construção de uma política pública voltada para a Educação do Campo (LEITE, 1999).

Naquele momento, o MST propunha uma Educação do Campo enquanto um novo paradigma, em contraponto a Educação Rural, orientando as políticas e práticas pedagógicas relacionadas aos trabalhadores do Campo, o que tornou-se muito importante em um momento em que a Educação Rural existia enquanto um objeto de discussão, e era dissociada daqueles sujeitos que dela eram integrantes.

Através de muitas lutas, os movimentos rurais obtiveram algumas vitórias. Arroyo (1989) fala de uma pedagogia que vai para além da escola, organizada pelos movimentos sociais através das suas práticas. O que mais tarde, Caldart (2000), vai trazer como sendo uma pedagogia do MST, também conhecida como Pedagogia do Movimento. Ainda, neste mesmo sentido, aconteceu a adoção do termo Educação Rural para Educação do Campo, entendendo que esta nova denominação compreende uma nova concepção do meio rural enquanto sociedade.

Decidimos utilizar a expressão Campo e não mais a usual meio rural, com o objetivo de incluir no processo (...) uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho. (Fernandes, Cerioli & Caldart, 2004, p. 25)

Neste momento, é importante destacar que ao referirmo-nos ao termo “Campo”, utilizamos em sua grafia a letra inicial em maiúscula, por compreendermos a palavra Campo enquanto um conceito carregado de sentidos, o que segundo Claro (2018), advém de uma “reivindicação ontoepistemológica”. A autora registra que, para Welch *et. al.* (2009), o Campo é reconhecido enquanto categoria através da sua produção para o mercado em suas possíveis redes. Sendo assim, identificam que a relação com este distingue os tipos de produtores assim como as especificidades destas produções que se fundamentam na mão-de-obra familiar. Consideram, desta

forma, que se trata da organização de existência dos sujeitos trabalhadores e de seu patrimônio material, produtivo e sociocultural.

Para a identificação da forma camponesa, é preciso mais do que considerar a especificidade da organização interna da unidade de produção e a família que gere, apesar de ser imprescindível para diferenciar os modos de existência dos camponeses e camponesas de outros sujeitos trabalhadores que não operam sua produção com base nesses fundamentos. É necessário ampliar a compreensão através do modo cultural, político, econômico e social. (CLARO, 2018, p. 54)

Faz-se necessário compreender o Campo enquanto um modo de organização social dotado de estruturas rurais, as quais se relacionam com os mercados urbanos e geram um segmento de classe (CLARO 2018). Logo, atualmente, mesmo com as fragilidades enfrentadas devido ao descaso do poder público, não é mais aceito interpretar o Campo de maneira estereotipada, como um lugar de atraso; mas sim como um espaço de produção de cultura, economia, política, lutas e resistência.

2.1 A Educação do Campo e Suas Possibilidades

Aos poucos foi sendo construída uma nova compreensão de educação, com a participação e voltada às pessoas pertencentes aos espaços rurais, o que agora a partir das concepções da Educação Popular, iremos abordar enquanto sujeitos do Campo. Quando tocamos neste assunto, é necessário salientar que esta nova concepção educacional não estava sendo construída para os trabalhadores do Campo, mas sim por eles mesmos. Para além disso, é preciso compreender a interdependência que ocorre da relação Campo x cidade, a qual exige uma nova organização no sentido dos movimentos socioterritoriais entre ambos espaços.

Quando voltamos o nosso pensamento aos povos que vivem “no” e “do” Campo, podemos questionarmo-nos: quem são estes sujeitos? Para esta pergunta existe mais de uma resposta, porém, em um viés da Educação do Campo, podemos dizer que os seus principais sujeitos são: agricultores, quilombolas, indígenas, pescadores, camponeses, assentados, ribeirinhos, povos de florestas, caipiras, lavradores e caboclos. Todos estes sujeitos

formam uma frente de luta pela permanência na terra, pela garantia dos seus direitos e pelo respeito às suas diferentes relações sociais e de convívio com a natureza e com o trabalho.

Com o fortalecimento das discussões sobre Educação do Campo na década de 1990, com base nas experiências do MST, vários estados organizaram projetos de Educação de Jovens e Adultos. Neste momento histórico, dois episódios merecem um destaque importante: o “I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária” em 1997 e a “I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo”, em 1998. Ambos eventos foram de grande importância para o fortalecimento das lutas pelos direitos dos povos do Campo. A conferência, em seu documento final, afirmava a necessidade de mantê-los mobilizados em uma permanente luta pela educação, enquanto uma política pública de direito da população do Campo, buscando a articulação junto às universidades públicas pela garantia da oferta de cursos superiores em cada estado, com currículo adequado à educação (SANTOS, 2012 a.)

Como resultado destes movimentos, em 1998 foi elaborado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) (BRASIL, 1998) que visa, dentre outras intenções, contribuir no sentido do fortalecimento da educação na áreas de assentamentos de reforma agrária. A proposta utiliza metodologias que considerem as especificidades dos sujeitos do Campo, criando ações direcionadas à Educação de Jovens e Adultos e à Formação de Professores capacitados para contribuir nestes contextos.

A criação deste programa denota a consolidação da Educação do Campo no que tange uma política educacional. Este fato corrobora o fortalecimento que os movimentos sociais vem assumindo, em especial os movimentos do Campo. A exemplo destas conquistas que, também destacamos a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002) “nela se reconhece a legitimidade dos camponeses nos seus diversos Campos: sem-terras, pequenos agricultores, pescadores artesanais, quilombolas, quebradeiras de côco, caiçaras, ribeirinhos” (SANTOS, 2012 a, p. 49-50).

Mais adiante em 2004, ocorreu a II Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, que ampliou o debate iniciado no ano de 1998

durante a primeira Conferência, reafirmando a necessidade de políticas públicas de Educação para o Campo no Brasil, em contrapondo as ineficazes políticas compensatórias da Educação Ruralista.

Ainda neste evento, foi publicada a Declaração Final “Por uma Política Pública de Educação do Campo”, com o objetivo de recolocar o Campo e os acessos à terra, à produção agrícola e à escola como dever do Estado e direito das pessoas que vivem no Campo. Este instrumento serviu como denúncia a respeito da precária situação dos brasileiros que naquela época viviam no Campo, sendo afetados diretamente pelo modelo de desenvolvimento excludente, cuja principal consequência é a miséria.

Mais uma vez retomamos que, a Educação do Campo se contrapõe à Educação Rural, pelo fato de não apenas ser pensada para os sujeitos do Campo mas ter a participação destes sujeitos:

A Educação do Campo nasceu no contraponto à concepção de educação rural (por isso um novo nome), porém, no seu surgimento, esteve mais forte o contraponto à ausência de política de educação para a população do campo porque essa era a marca daquele período: um projeto de país sem campo, uma política de transporte escolar para os ‘resíduos’ da população do meio rural. (FONEC, 2012, p. 4)

Este fato reafirma a importância de, ainda nos dias de hoje, problematizar o debate sobre estas questões dentro das comunidades do Campo, junto das pessoas que integram estes espaços. É preciso unir forças aos sujeitos que vivem nas zonas rurais, principais interessados nestas mudanças, para refletir sobre os seus direitos, e ir à luta por melhorias nas suas condições de vida.

Para isto, faz-se necessário o resgate de parte da historicidade do meio rural enquanto espaço de disputa por território e por condições de vida. Assim, fica mais fácil entender como os movimentos sociais do Campo lutaram em favor de uma educação voltada para os seus sujeitos, a qual permeasse o seu modo de vida, suas relações com o trabalho e com a sociedade, promovendo uma menor desigualdade social. Isto, resultando em uma melhoria das suas condições de vida e diminuição da distância entre o Campo e a cidade. Neste sentido, concordamos com Ribeiro (2013, p. 135) ao afirmar que “[...] a luta

pela Reforma Agrária e pelo projeto popular de sociedade é o carro-chefe de luta pela educação do campo”. Mesmo com todas as vitórias atingidas até este momento no que refere-se a qualificação da vida no Campo, ainda é imprescindível mantermo-nos firmes nesta luta.

No intuito de permear estas relações entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes tradicionais, é preciso compreender que as pessoas que vivem no Campo, ao longo de suas trajetórias, desenvolveram um jeito próprio de pensar e de fazer. Sendo assim, não podemos negar a sua luta pelo direito de permanecer na terra e manter a sua cultura e seus costumes. Desta maneira é necessário manter nas comunidades e Escolas do Campo, pessoas preparadas para formar frentes de luta pela educação, conforme a citação a seguir:

O que propomos é uma coisa que não existe, por isso é utopia e por isso mesmo devemos trabalhar, no nível pequeno. Propomos uma re-apropriação de poder, do nosso poder roubado. Não se rouba só a casa, não se rouba só a terra, se rouba poder. Rouba-se poder, quando se convence os outros de que eles não têm poder. (Conte, 2007, p. 43 *apud* Gebara, 2000 p. 67)

Sendo assim, é necessário união, formando um movimento unificado no sentido de melhorar a vida de quem vive no Campo, através de incentivos para uma educação voltada para estes indivíduos. A existência de Escolas Rurais, multisseriadas, isoladas e estranhamente, por vezes, sem referências com a vida do Campo, não são eficazes em promover conhecimento visando a emancipação destes sujeitos. A educação deve ser emancipadora no sentido de prover aos educandos subsídios para que possam melhorar sua vida no Campo.

Já mencionadas anteriormente, as Conferências e o Fórum Nacional de Educação do Campo, produziram importantes documentos legais que visam organizar e expressar os princípios da educação do campo. O PRONERA, em seu segundo artigo, denota a partir do ponto de vista normativo tais princípios:

Art. 2º São princípios da Educação do Campo:

- I. Respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II. Incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação como o mundo do trabalho;
- III. Desenvolvimento de políticas públicas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;
- IV. Valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- V. Controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, 2010)

Deste modo, estes princípios devem ser apreciados sob a ótica do que foi posto nos documentos produzidos nos debates coletivos. É o caso do que foi elaborado durante as Conferências Nacionais de Educação do Campo, ocorridas nos anos de 1998 e 2004.

A educação do campo fundamenta-se nos princípios, os quais, revelam categorias principais como projeto político pedagógico, luta, cultura, participação e política pública. No sentido de promover uma educação voltada para os Povos do Campo, abarcando os princípios mencionados, foram criadas novas metodologias e pedagogias a fim de encurtar as “distâncias” entre escola e educandos. Dentre as pedagogias problematizadas neste movimento de Educação do Campo, destacamos: Pedagogia da Alternância (GIMONET, 1999; ESTEVAM, 2003; MAGALHÃES, 2004; BEGNAMI, 2006; RIBEIRO, 2008); Pedagogia da Terra (ITERRA, 2002; CALDART, 2002); Pedagogia do Movimento ou Pedagogia do Movimento Sem Terra (CALDART, 2000; SOUZA, 2006); outras mais específicas, como Pedagogia Indígena (CORRY, 1994; MELIÁ, 1995) e Pedagogia Quilombola (SIQUEIRA, 2003; AMADOR, 2005; SALLES, 2005; MUNIZ, 2008); Pedagogia Camponesa Agroecológica (BARBOSA, 2016), Escolas Itinerantes (CALDART, 2004; CAMINI, 2009), sem

deixar de citar o importante embasamento na Educação Popular através da Educação como Prática da Liberdade (FREIRE, 1999).

No pensamento de uma pedagogia libertadora são fundamentadas muitas práticas dos Movimentos Sociais Populares, numa perspectiva de emancipação do sujeito, buscando ajudar a desconstruir as contradições existentes, até hoje, no processo educativo. Sendo assim, podemos entender que, se a escola é um instrumento que contribui para manter o sistema, ela pode também contribuir atuando para a transformação do mesmo.

Nesta mesma linha de pensamento, onde temos a escola inerente à sociedade e, ao mesmo tempo, primordial para a transformação do meio no qual existimos, é hora de pensarmos em um novo modelo de escola. Um espaço que contemple uma reorganização de elementos que vise um novo modelo de sociedade, mais igualitária. Referindo-se às transformações que esta nova sociedade vem passando, baseada em uma educação voltada a igualdade, Freire traz a reflexão que:

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim, a distância entre o que fizemos e o que fazemos. (FREIRE, 2005, p. 67)

Voltando as discussões a cerca da Pedagogia dos Movimentos Sociais, no caso do MST, segundo Caldart (2000), a proposta pedagógica do movimento esta associada aos princípios organizativos fundamentais à existência do próprio movimento. A autora também afirma que, a um projeto de sociedade está vinculado um projeto de ser humano, o que Freire chamaria de humanização. Neste mesmo sentido, para Abreu (2006) a Pedagogia do Movimento do MST, estaria presente no momento das marchas, na construção de um barracão e em todos os espaços onde se organiza o povo, buscando a justiça e a igualdade. Com isto, o autor nos diz que mais do que colocá-la em prática, a Pedagogia do Movimento reafirma-se e acontece em cada ação do dia-a-dia.

A Pedagogia da Alternância, como já denota o nome, está ligada a ideia de que existem processos educativos alternados. Ambos transcorrem através dos viveres e saberes distribuídos entre “tempo escola” e “tempo comunidade”. Por “tempo escola”, compreende-se o tempo em que os educandos permanecem no espaço escolar, o que geralmente ocorre em regime de internato, sendo que é variante o tempo de permanência entre uma semana a até dois meses. Já o “tempo comunidade”, compreende o tempo em que os educandos permanecem em suas comunidades de origem, geralmente para desenvolver trabalhos de sobrevivência, pesquisas e também práticas relacionadas ao seu estudo. Assim, algumas escolas assumem a Pedagogia da Alternância com o objetivo de potencializar os seus processos educativos, com a intencionalidade de pôr em prática aquilo que, por muitas vezes, é objeto de seu estudo enquanto filosofia de vida.

Por fim, a partir destas reflexões, podemos lançar nossos olhares em direção a novas aplicações destas pedagogias no que tange uma Educação do Campo Popular. Todos estes movimentos estão diretamente relacionados aos processos de Formação de Professores, tanto no viés das discussões que podem surgir a partir das leituras teóricas, quanto nas aprendizagens oriundas das ações propriamente ditas.

2.2 Formação de Professores do Campo e Suas Possibilidades

Ao retomarmos o assunto relacionado à Formação de Professores, em um âmbito geral, é preciso pensar em quão diferentes são os sujeitos que atuam nesta atividade. Ao voltarmos os nossos olhares para a Formação dos Professores que atuam na Educação do Campo, necessitamos respeitar as especificidades do contexto de atuação destes profissionais. É bom refletir sobre o “ser professor”, que vai além de uma mera profissão. E por falar em profissão, é interessante lembrar que o professor é um dos profissionais menos valorizados pela sociedade brasileira.

Aqueles que buscam esta profissão necessitam cursar uma licenciatura. Mas, para além disto, é preciso buscar espaços que promovam aprendizagens

diversas, a fim de complementar este processo formativo. Desta forma, o licenciando vai conquistando ao longo da sua trajetória de vida novos entendimentos que, somados às experiências, geram um conhecimento essencial para a sua atividade docente.

Enquanto professores, lidamos com as mais diversas configurações de sujeitos, oriundos dos mais diversos contextos. Segundo FREIRE (2005, p. 25), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, destacando a importância da dualidade professor a aluno, onde no processo de ensino e aprendizagem faz-se necessária a participação de ambos. O autor sintetiza esta situação quando nos fala que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (FREIRE 2005, p. 23). Com isto, ele declara que nesta relação entre docente e discente não existe uma disputa, pois ambos se complementam. Ou seja, ambos tem o seu papel definido em um mesmo nível de importância.

Este movimento não pode ser algo exclusivo nas escolas das zonas urbanas. Em muitos momentos pode-se pensar que os conhecimentos trazidos da “cidade” para dentro das Escolas do Campo é repleto de sentidos, os quais serão suficiente para promover uma série de significados para os sujeitos que ali estão. O que em parte realmente acontece, pois o Campo não vive em um total estado de alienação em relação aos fatos e acontecimentos da zona urbana. Mesmo assim, é preciso o estudo sobre a metodologia de ensino para os estudantes do Campo. E acima de tudo, o professor do Campo ao assumir uma postura de indagação, a qual permeie a construção de novos conhecimentos a partir daquilo que já tem como bagagem teórica e prática, somando-se a realidade do contexto em que atua, pode transformar a sua metodologia em algo repleto de sentidos e significados para os seus estudantes.

Enquanto professores, é preciso assumirmo-nos também enquanto sujeitos em (trans)formação. Seres inconclusos, em constante e permanente processo de busca pelas aprendizagens. Neste entendimento, Freire fala sobre a importância de reconhecermos-nos enquanto seres em construção,

Seres que estão sendo, seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. (FREIRE, 2005, p. 72-73)

Sendo assim, assumir-se enquanto ser em construção, proporciona ao educador novas possibilidades, tanto para a sua formação pessoal quanto profissional, visando sua transformação enquanto ser humano.

A partir de outra ótica, Demo (1998) observa que “a alma da vida acadêmica é constituída pela pesquisa, como princípio científico e educativo, ou seja, como estratégia de geração de conhecimento”. Deste modo, o autor reconhece a pesquisa enquanto potencializadora na formação de futuros pesquisadores. Ele destaca também que:

A primeira preocupação é repensar o “professor” e na verdade recriá-lo. De mero “ensinador” – instrutor no sentido mais barato – deve passar a “mestre”. Para tanto, é essencial recuperar a atitude de pesquisa, assumindo-a como conduta estrutural, a começar pelo reconhecimento de quem sem ela não há como ser professor em sentido pleno. (DEMO, 2002, p. 84)

O autor elenca a necessidade de que o educando, dentro ou fora do meio acadêmico, se constitua para além de mero ouvinte, tornando-se participante ativo das aulas do educador. Caso contrário, corre o risco de ser no máximo capaz de instruir-se, não chegando a alcançar a aprendizagem, nem mesmo a construção de sua própria cidadania. Isto, por muitas vezes, é recorrente nos espaços de formação, afinal ao reconhecermos-nos enquanto seres em constante aprendizagem, passamos a assumir o papel de “alunos” permanentes. Desta maneira formar-se professor é algo que vai além da formação obtida através de um curso de licenciatura. Faz-se necessário buscar qualificar-se ao longo da sua trajetória docente.

Melhorar a educação é algo que ouvimos repetidamente em reuniões e fóruns de discussão, e isto se reflete diretamente na qualidade de vida das pessoas e nas condições de trabalho dos profissionais da educação. Sendo assim, em relação a formação de professores, de maneira geral, existe a ideia

consensual de que ela precisa ser contínua, ou seja, que vá muito além dos processos de graduação ofertados pelas universidades. Tardif (2014), faz uma relação entre os saberes docentes e a formação profissional de professores. Ele destaca o saber docente como sendo “plural , formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiada” (TARDIF, 2014, p. 54). Esta pluralidade, a qual o autor aborda, estaria correlacionada a uma classificação coerente dos saberes docentes, a qual só existe a partir do momento em que é associada à diversidade de suas origens, bem como às relações que os professores fazem entre os seus saberes.

Desta forma, o autor destaca quatro tipos diferentes de saberes compreendidos na atividade docente. Os Saberes da Formação Profissional, que são um conjunto de saberes baseados nas ciências e na erudição, os quais são transmitidos aos professores durante o seu processo de formação. Estes também se constituem o conjunto de saberes da formação profissional e conhecimentos pedagógicos relacionados às técnicas e métodos de ensino, ou seja, saber-fazer, dos quais são legitimados cientificamente e igualmente transmitidos aos professores ao longo do seu processo formativo.

Os Saberes Disciplinares são reconhecidos e identificados como pertencentes aos diversos campos do conhecimento como: linguagens, ciências exatas, ciências humanas, biológicas, etc. Estes saberes, por sua vez, produzidos e acumulados ao longo da história da humanidade, são administrados pela sociedade científica e acessados através das instituições educacionais.

Os Saberes Curriculares estão relacionados à forma como as instituições de educação geram os conhecimentos socialmente produzidos e que devem ser transmitidos aos estudantes, ou seja, saberes disciplinares. Estes apresentam-se sob a forma concreta de programas escolares que os professores devem aprender e aplicar.

Por fim, os Saberes Experienciais, os quais são resultado da atividade profissional dos professores em sí. São produzidos pelos docentes através das suas vivências relacionadas ao espaço da escola e às relações estabelecidas com seus alunos e outros professores. Assim, “incorporam-se à experiência

individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser” (TARDIF, 2014, p. 38).

O autor chama a atenção para os saberes experienciais no tocante aos outros saberes. E isto deve-se pela relação de exterioridade que os professores mantêm com os demais saberes, não sendo possível o seu controle em relação a produção e circulação. Isto já não acontece quando falamos dos saberes experienciais pois, segundo o autor, os professores conseguem deter certo poder de controle sobre estes conhecimentos, logo são os mais valorizados.

O professor tende a buscar novos conhecimentos na medida em que encontra ligações entre as suas práticas e vivências do dia-a-dia, propiciando um contínuo processo de formação. Sendo assim, Demo destaca a pesquisa como importante fator para o desenvolvimento do senso crítico e questionador:

Dentro desse contexto, o conceito de pesquisa é fundamental, porque está na raiz da consciência crítica questionadora, desde a recusa de ser massa de manobra, objeto dos outros, matéria de espoliação, até a produção de alternativas com vistas à consecução de sociedade pelo menos mais tolerável. Entra aqui o despertar da curiosidade, da inquietude, do desejo de descoberta e criação, sobretudo atitude política emancipatória de construção do sujeito social competente e organizado (DEMO, 2002, p. 82).

Diante disto, podemos entender o processo de formação contínua como exercício do fazer docente, por meio da permanente atualização e capacitação, enquanto docente, sujeito e cidadão inserido e uma sociedade em constantes transformações. Mas, para que isso ocorra de forma eficaz, é preciso que se implemente uma política adequada que oportunize aos professores estarem em constantes processos formativos, sem diferenciação de oferta entre os profissionais atuantes no campo ou na cidade, respeitando sua postura crítica e reflexiva, observando as especificidades de cada contexto. Estas ações podem ser capazes de mediar a transformação do espaço escolar em um ambiente não somente de ensino, mas também de pesquisa.

Neste mesmo sentido, segundo Oliveira (2006), para a formação dos professores é preciso observar os seguintes indicadores: tomar a escola como contexto de ação e Formação de Professores, considerar o professor o agente

mais importante de todo o processo de mudança educacional, levar em conta o currículo como espaço de intervenção dos professores, assumir o ensino como tarefa do professor, associar formação básica e continuada e, favorecer a inserção dos professores em espaços de aprendizagem não escolares.

No próximo capítulo trataremos sobre a Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo – ProfCampo, do município de Rio Grande. Como a proposta foi desenvolvida na modalidade semi-presencial, e trouxe os recursos tecnológicos para dentro das Escolas do Campo, faz-se necessário discutir sobre tecnologias digitais e suas implicações no fazer pedagógico destas escolas.



Capítulo 3

Proposta de Formação Continuada
para a Educação do Campo -
ProfCampo

*“A educação exige os
maiores cuidados, porque
influi sobre toda a vida”.*

Sêneca.

Neste capítulo, são apresentadas as Tecnologias Digitais a partir de um olhar desde a sua chegada, até seus entrelaçamentos com a educação. O resgate desta temática justifica-se a partir da utilização dos meios tecnológicos, neste caso o software de mensagens instantâneas *WhatsApp*, enquanto meio de encontro virtual dos participantes do processo formativo e também pela abordagem da temática, logo no início da formação, a fim de refletir sobre as possibilidades de uso no fazer pedagógico dos professores das Escolas do Campo.

Na continuação, iremos adentrar na temática das Tecnologias Digitais atuais e suas possibilidades para uma Educação do Campo Digital. Em seguida, apresentaremos a Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo – ProfCampo detalhadamente, de forma a explicar a sua criação e funcionamento. Por fim, trazemos um estudo sobre a produção científica nacional, no período de 2013 a 2017, relacionada à Formação e Professores e Tecnologias Digitais, a fim de verificar a presença de pesquisas nesta área.

3.1 A Chegada das Tecnologias Digitais

Ao aprofundarmo-nos em conceitos e definições fundamentais para compreender o problema investigado, a leitura de estudos sobre o nosso tema de pesquisa alimenta e enriquece esta caminhada, motivada por tantas indagações. Assim, neste primeiro momento partimos de uma premissa: “tecnologia é poder” (KENSKI, 2015), com o cuidado de não restringir o termo tecnologia como significando apenas máquinas e equipamentos, pois o mesmo abrange muito mais do que isto. Segundo Kenski (2015),

“[...] o conceito de tecnologia engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações. Isto significa que este conceito é muito mais amplo do que costumamos pensar e abrange muito mais do que apenas “máquinas”. (Kenski, 2015, p. 23)

Segundo a autora, a “tecnologia é essencial para a educação, ao mesmo tempo, ambas não são indissociáveis” (KENSKI, 2015). Segundo o dicionário Aurélio, a educação diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”. Em consonância a esta definição, Kenski (2015) afirma que, para ocorrer essa integração, é necessário que valores, conhecimentos, hábitos e comportamentos sociais, sejam ensinados e aprendidos, por meio da educação, para ensinar sobre as tecnologias na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso destas mesmas tecnologias para ensinar as bases da educação. Ainda sobre a tecnologia, Kenski (2015) diz que:

A tecnologia digital rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta com um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. (Kenski, 2015, p.32)

Seguindo este pensamento, a autora afirma que “A tecnologia digital [...] deixa de lado a estrutura serial e hierárquica da articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes” (Kenski, 2015, p.32). Sendo assim, podemos visualizar as possibilidades que se abrem na relação de ensino e aprendizagem, quando se aproximam as tecnologias do fazer docente cotidiano.

Desta forma, podemos compreender a sociedade atual como repleta de tecnologias que, por sua vez, vão ao encontro do que conhecemos como mundo globalizado. Uma grande rede acelerada de informações e relações, que está em constante mutação, diretamente ligada ao modo de vida do homem, que se torna carente de novas ferramentas ao mesmo tempo em que estas evoluem. Segundo Santos (2012 b),

A história das chamadas relações entre sociedade e natureza é, em todos os lugares habitados, a da substituição de um meio natural, dado a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é, sucessivamente

instrumentalizado por essa mesma sociedade. (Santos, 2012 b, p. 233)

Com isto, podemos entender que esta instrumentalização pode gerar um novo movimento, o qual pode vir a facilitar a cognição por parte dos sujeitos atuantes na educação: professores e estudantes. A utilização de novas ferramentas podem acarretar novas conexões entre teorias e práticas, enriquecendo a capacidade de abstração, potencializando o fazer pedagógico do professor em sala de aula.

Na busca pela melhor compreensão sobre esta temática, faz-se necessário outros pontos de vista a respeito das tecnologias e suas potencialidades quando voltadas ao ensino e aprendizagem. Lévy (1998) traz para a discussão a importância da inserção dos meios digitais na sociedade, como um todo, o que pode alavancar novas descobertas. O autor diz que:

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais. (Lévy, 1998, p.17)

Sendo assim, temos a sociedade enquanto o campo de atuação do ser humano, onde os indivíduos permeiam o seu desenvolvimento intelectual e cognitivo rodeado por sistemas e relações complexas, não apenas com os outros indivíduos, mas também com o meio social em que vivem. E, por sua vez, toda esta movimentação acontece encharcada pela tecnologia que se faz parte integrante da vida das pessoas.

Há menos de 3 décadas atrás, as tecnologias digitais entravam em nossa vida como pano de fundo, auxiliando em determinadas tarefas do trabalho ou da escola, mas ainda com pouca atuação na vida pessoal dos indivíduos. Neste momento, de forma *off-line*, os *softwares* ainda não se comunicavam entre si da maneira que fazem hoje e os processos de instalações eram mais complexos, demorados e caros.

Por meio da popularização da internet ocorreu um crescimento exponencial no número de acessos à rede. Rapidamente uma grande parcela da população obteve acesso à internet o que, por sua vez, permitiu que os *softwares* entrassem em nossas casas através dos computadores pessoais. Neste momento que podemos chamar de primeira fase da internet no Brasil, os *softwares* eram mais simples e menos “pesados”, pois dependiam de uma configuração de *hardware* consideravelmente fraca se comparada com as configurações padrões atuais e, velocidades de transmissão extremamente baixas, ainda em comparação com a realidade dos dias atuais.

Rapidamente as conexões lentas de internet foram deixadas de lado, abrindo espaço para novas formas de interação entre os usuários e a rede. As novas conexões de alta velocidade, tanto fixas como móveis, expandiram as possibilidades e transformaram a rede. Hoje em dia não necessitamos mais de um computador para executar determinadas tarefas, pois os *smartphones*, *tablets* e demais “dispositivos móveis inteligentes” estão presentes em nosso cotidiano executando inúmeras tarefas. Desde processamento de textos e entretenimento multimídia até a comunicação em tempo real, os dispositivos móveis inteligentes abrem um leque de possibilidades que podem vir ao encontro da educação.

A comunicação nunca antes na história da humanidade ocorreu de maneira tão fácil e instantânea. Atualmente possuímos um grande poder de recepção e transmissão de informações. E a cada dia que passa estes dispositivos estão mais interligados, comunicando-se entre si, de maneira autônoma.

Este é o mundo em que estudantes e professores encontram-se, pois ambos têm as suas ações permeadas por esta grande rede virtual que interfere direta e indiretamente nas vidas de todos nós. Com isto, podemos refletir sobre a urgência de pensarmos uma educação atual voltada para as Tecnologias Digitais e seus desdobramentos. Um modelo que abarque o novo, não como um todo generalizado, mas sim como fragmentos de um *status quo* que se renova.

3.2 As Tecnologias Atuais e as Possibilidades para uma Educação do Campo Digital

Estamos vivendo em uma época predominantemente digital. Cada vez mais as Tecnologias Digitais fazem parte das nossas vidas e estão presentes em nossas casas e em nossos trabalhos, como partes cotidianas do nosso dia a dia. Sem querer causar nenhum temor, podemos nos considerar reféns destas ferramentas afinal, hoje mais do que nunca, somos seres dependentes das Tecnologias Digitais na realização de inúmeras tarefas, por mais simples que pareçam ser.

A exemplo da internet; quem hoje em dia pode afirmar ser completamente independente do uso desta tecnologia de comunicação? Mesmo uma pessoa que não possua acesso à rede em sua casa, ou que não utilize *smartphones*, *tablets* ou computadores ligados à rede, ainda assim, esta pessoa muito provavelmente se utilizará indiretamente desta tecnologia. A exemplo, transações financeiras e uma ampla gama de serviços necessitam da rede para serem realizados. Sem contar as tecnologias embarcadas nos dispositivos eletrônicos que possuímos em nossas casas. Vivemos em um mundo completamente tecnológico e não há como negar esta realidade.

Ao remontar a evolução humana, o homem vem aprimorando-se em relação as suas técnicas, conhecimentos e formas de organização em sociedade. Ao longo da história da humanidade estão registrados inúmeros avanços nas mais diversas áreas como: produção, engenharia, medicina e tecnologia.

Por muitas vezes, diz-se que a escola é a principal responsável pelo desenvolvimento do raciocínio e expansão do conhecimento. Ao mesmo tempo, torna-se algo tão corriqueiro tendendo a estar implícito ao senso comum, o que por sua vez, contribui para a banalização desta instituição tão antiga e importante para o crescimento pessoal e profissional do indivíduo. Segundo Libâneo (2007, p.25), [...] “a escola não é mais a única agência de transmissão do saber, na verdade ela nunca deteve sozinha este papel”. Neste sentido, Saviani (2003) diz que a escola é uma instituição que tem seu papel centrado na socialização do saber sistematizado e, que existe para propiciar a

aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos deste saber.

No momento atual, em que vivenciamos grandes mudanças em nosso modo de vida, o que nos permite, enquanto sociedade, evoluir para um patamar que promova melhores condições de vida e de coexistência, é necessário mantermo-nos cientes da necessidade de valorizar e, mais do que isso, instrumentalizar as instituições de ensino para que as mesmas possam ter meios eficazes de formar sujeitos autônomos e emancipados, desde as bases da educação até os ensinos superiores. Ainda é interessante destacar que a velocidade em que a conjuntura atual modifica-se, interfere diretamente nas formas de ensino o que, por conseguinte, afeta o modo que o indivíduo em escolarização interpreta e racionaliza sobre as informações que lhe são compartilhadas.

Mesmo existindo outros meios, alheios à escola, onde o ser humano pode ter acesso a novos conhecimentos, não podemos negar o importante papel desenvolvido pela escola enquanto instituição de ensino, tanto nas zonas rurais quanto nas zonas urbanas. A partir disto, podemos entender que tudo é uma questão de aprendizado e que existem diversos meios para “aprender” coisas novas. Podemos fazer novas associações entre os conhecimentos produzidos, ou dar novos sentidos aos significados pré-estabelecidos. São inúmeras as possibilidades que partem de um ponto comum: a escola.

Quando discutimos ensino e realidade escolar, a responsabilidade principal recai sobre o professor. Este indivíduo que tem por base no senso comum, “ensinar” e “educar” os seus alunos. Tarefa que por sí só é árdua e bastante complexa, mas que, em suma, vai para muito além disso. O professor, no desenvolvimento de suas atribuições, deve promover o debate e a produção do conhecimento, a partir da curiosidade de seus alunos, auxiliando-os na pesquisa e na descoberta de novos fatos e informações.

Estes profissionais que atuam diariamente nas bases do desenvolvimento de uma sociedade, necessitam se manter atualizados em relação aos seus conhecimentos. Para isto, ocorrem as formações constantes ofertadas nos seus espaços de trabalho. Mas para além disto, é importante acompanhar os acontecimentos mundiais, em relação as novas descobertas e mudanças de paradigmas.

Para um professor que vive e trabalha em grandes centros urbanos, onde o acesso às informações dá-se de forma mais simplificada, a tarefa de mantê-lo atualizado e em permanente formação pode ser mais fácil. Mas quando falamos em um professor que atua nas Escolas do Campo, que passa a maior parte do seu dia distante dos acontecimentos, em deslocamento nas estradas ou, até mesmo, vivendo em uma comunidade rural. Será que os meios para que estes profissionais possam se manter atualizados são os mesmos daqueles que vivem no meio urbano?

A educação nas áreas rurais é uma temática que vem fortalecendo-se ao longo dos anos. Conforme Carlos (2007, p.131), em um “âmbito que vai para além do que é urbano ou do que é rural”, pois longe de serem meras palavras são conceitos que reproduzem uma realidade social concreta. A autora complementa que “a cidade e o campo se diferenciam pelo conteúdo das relações sociais neles contidas e estas, hoje, ganham conteúdo em sua articulação com a construção da sociedade urbana”.

Quando tratamos de Escolas do Campo, devemos levar em consideração algumas especificidades. É importante lembrar de que no Campo encontramos Povos Tradicionais que vivem de acordo com as suas crenças e tradições. Ainda é preciso considerar quais as informações que chegam até estas populações que, em alguns casos, podem estar desprivilegiadas em detrimento às limitações impostas geograficamente. Forma-se um conjunto de elementos que fazem a diferença entre a compreensão rica de significados, a qual é seguida do aprendizado e a mera observação, vazia de sentidos.

A constante atualização no que tange novos aprendizados e descobertas é inerente à profissão do professor. Em especial a Formação de Professores do Campo, aliada a estratégias que visam ampliar sua qualificação profissional com enfoque na revisão dos seus conhecimentos, é uma ferramenta que pode servir para a renovação da escola. Para isto, são oferecidos espaços formativos onde são desenvolvidos trabalhos de ressignificação do “ser professor” com o seu “fazer pedagógico”. Isto tudo com o intuito de alcançar as proposições essenciais para uma Educação do Campo capaz de prover aos estudantes meios para que possam fazer as suas próprias escolhas profissionais, distanciando-se do determinismo que na maioria das vezes acompanha estes sujeitos.

Mas, a partir disto, surge o questionamento a respeito destes espaços de formação e, se realmente são promovidas aos Professores do Campo oportunidades de atualizar-se no que tange os novos meios e técnicas de aprender e ensinar.

3.3 A Proposta Formativa ProfCampo

A Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo (ProfCampo) é um projeto de formação aos Educadores e Educadoras das Escolas do Campo do Município de Rio Grande (RS), pertencentes à Secretaria de Município da Educação (SMEd). Esta Proposta de Formação Continuada conta com a parceria do Grupo de Formação de Professores e Práticas Educativas (FORPPE) da FURG, por intermédio do Núcleo de Estudos Sobre Educação do Campo (NEECA). O ProfCampo tem como participantes os professores¹ das três Escolas do Campo que ofertam os Anos Finais na Rede Municipal de Educação. São elas: EMEF Sylvia Centeno, localizada na Ilha dos Marinheiros, EMEF Cristóvão Pereira de Abreu, situado na comunidade da Torotama e EMEF Maria Angélica, localizada na comunidade da Capilha, situada em Rio Grande/RS, no distrito do Taim.

Com seus princípios metodológicos fundamentados em proporcionar o acesso às teorias do conhecimento que subsidiam a compreensão da realidade da Educação do Campo, o ProfCampo visa oportunizar a partilha das práticas docentes a partir das experiências, vivências e memórias, bem como a construção de novas propostas pedagógicas.

Desta forma, imersos em uma concepção de educação baseada no exercício do diálogo, acreditando em um processo de construção contínua da cidadania, a qual leve em consideração a diversidade, a educação inclusiva, a educação integral, dentre outras, o ProfCampo busca ser um espaço de práticas e compartilhamentos, onde os Professores em Formação possam resgatar o seu protagonismo ao longo das suas atividades. Esta proposta de Formação Continuada, surge com o intento de contextualizar no espaço das

¹ Os professores dos Anos Finais, oriundos das Escolas do Campo, participantes da Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo (ProfCampo), ao longo do texto, serão chamados de “Professores em Formação”.

Escolas do Campo, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) enquanto artefatos tecnológicos atuais e amplamente utilizados pela sociedade, porém ainda pouco explorados no viés da educação.

Levando em consideração a carga horária dos professores das Escolas do Campo, bem como distância e tempo de locomoção, o ProfCampo constituiu-se de forma semi-presencial. Assim, parte das atividades de formação ocorreram de forma presencial e parte de forma virtual, com a utilização do software de mensagens instantâneas *WhatsApp*, o qual, a partir de agora, chamaremos apenas de WhatsApp. Para isto, o WhatsApp foi utilizado como uma plataforma de aprendizagem, sendo o meio pelo qual ocorreram todas as interações não-presenciais entre Professores Articuladores² e Professores em Formação. A escolha pelo WhatsApp justifica-se por dois motivos: primeiro pelo fato de ser amplamente utilizado pelas gestoras destas três Escolas do Campo como um meio ágil de comunicação e, em segundo lugar, pela grande abrangência deste *software* que possui interface fácil e intuitiva, ampla compatibilidade em sistemas de smartphones e gratuidade, o que contempla os professores das Escolas do Campo. A partir disto, buscamos ampliar os diálogos para além dos muros destas escolas, promovendo a interação instantâneas e recíproca entre as mesmas.

No decorrer de todo o processo de formação ofertado pelo ProfCampo, o WhatsApp permeou as interações, por meio de um grupo criado com o objetivo de reunir todos os participantes. Neste espaço virtual, os Professores Articuladores propuseram reflexões e atividades aos Professores em Formação, os quais puderam interagir entre si ao longo destas atividades. Desta forma, os Professores em Formação e os Professores Articuladores **tiveram** oportunidade de compartilhar saberes e experiências a fim de potencializar o processo formativo.

O ProfCampo é constituído por quatro módulos: Módulo I – O Uso das TICs Como Recursos Pedagógicos; Módulo II - Educação do Campo: Concepção e Prática; Módulo III - Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar na Educação do Campo e Módulo IV - Plano Estratégico de Ação para

² Chamaremos de “Professores Articuladores” os professores participantes do NEECA que atuarão na articulação e mediação da Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo (ProfCampo).

a Escola do Campo. Estes módulos são permeados por eixos orientadores para as discussões em grupo, os quais foram constituídos pelos professores em formação durante o encontro das Escolas municipais do Campo no final de 2017.

Este encontro ocorreu como uma oportunidade para que os professores que vivenciam diariamente a realidade escolar do Campo, evidenciem os seus anseios e necessidade em relação a uma proposta de formação. Todos os encontros presenciais bem como as atividades EAD, são acompanhadas pelo pesquisador, que também atuou como um dos professores articuladores.

Módulo I – O Uso das TICs Como recursos pedagógicos

O objetivo deste módulo foi apresentar a proposta do ProfCampo, além de problematizar a utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) na Educação. Em especial, a utilização do WhatsApp como recurso pedagógico, o qual promoveu o meio de diálogo entre os professores em formação das três Escolas do Campo, participantes do ProfCampo.

Para além disso, as tecnologias digitais foram abordadas no intuito de proporcionar aos professores em formação uma espécie de “alfabetização digital”, visando a criação de comunidades voltadas para o estudo. Para isto, utilizou-se destes recursos para incentivar a pesquisa por parte dos professores e alunos, no intuito de buscar o conhecimento e, principalmente descobrir novas maneiras de aprender, contribuindo para a autonomia e criatividade.

Módulo II – Educação do Campo: Concepção e prática

Neste módulo foram discutidas as concepções e práticas desenvolvivas nas Escolas do Campo, no que tangem o direito dos povos tradicionais em uma perspectiva de Educação Popular. Assim, o objetivo deste módulo foi trazer para a discussão a concepção de Educação do Campo, reconhecendo as características dos seus sujeitos e valorizando a sua produção de cultura e saberes.

Cabe destacar o cuidado no intuito de não estereotipar este olhar sobre a realidade da Educação do Campo, vivenciada pelos professores atuantes em

diferentes regiões do estado e do Brasil. No caso de Rio Grande (RS), segundo dados da secretaria municipal de educação, não são enfrentados problemas com nucleação³, existe um sistema eficiente de transporte escolar e os professores atuantes nas Escolas do Campo não vivenciam um processo de isolamento⁴.

Partindo destas reflexões, foi lançada a segunda atividade deste módulo, que consistiu em potencializar a legislação da Educação do Campo que ampara a sua existência através da sua concepção, problematizando-a, em contrapartida, a resolução estadual que balisa questões como nucleação e fechamento de escolas. Com isto, refletimos sobre a importância da existência de uma legislação que ampare a Educação do Campo através de algumas normativas, as quais impeçam que as políticas de governo determinem mudanças que possam vir a interferir no modelo atual.

Por isso, destacamos as diferentes realidades que podem ser vivenciadas pelos professores atuantes nas Escolas do Campo. E estas, por sua vez, devem ser levadas em consideração no momento em que é realizada uma pesquisa, ou pretende-se visualizar a situação de determinada escola e/ou contexto.

Módulo III – PPP e Regimento Escolar na Educação do Campo

O módulo III objetivou possibilitar uma reflexão sobre os Planos Políticos Pedagógicos (PPP) e Regimentos Escolares das Escolas do Campo participantes do ProfCampo, principalmente no que tangem as práticas pedagógicas diferenciadas para a Educação do Campo. Desta forma, a discussão ocorreu a partir de algumas abordagens metodológicas diferenciadas, focados nas especificidades das metodologias de trabalho docente para a Educação do Campo. Com isto, o objetivo deste módulo foi “entrar” no espaço da escola através do Plano Político Pedagógico e Regimento Escolar. Estes são os documentos oficiais da escola que dispõem sobre o seu projeto de ensino e sua identidade. Sendo assim, foi necessário

³ Consiste no fechamento de diversas escolas de uma determinada região, concentrando os seus alunos(as) em apenas uma escola.

⁴ Quando os professores(as) vivem e/ou atuam sozinhos(as) em uma Escolas do Campo. Estes professores além de atuar na sala de aula assumem, simultaneamente, os papéis de diretor(a), zelador(a), secretário(a) de escola, merendeiro(a), etc

primeiramente provocar os professores para que se apropriassem destes documentos a partir de uma perspectiva não burocrática; mas com um novo olhar atravessado pelas aprendizagens provenientes do módulo II, as quais foram trazidas para este módulo.

Neste momento, foi proposto a primeira atividade do módulo III, que consistiu em refletir sobre como seriam um PPP e um Regimento Escolar especialmente voltados para a Educação do Campo. Na segunda atividade do módulo, os professores em formação foram convidados a revisitar o PPP e o Regimento Escolar em suas escolas, sob a ótica da Educação do Campo, buscando identificar de que maneira ela é contemplada nestes documentos e, quais são as metodologias utilizadas dentro de sala de aula, no que tangem as concepções trazidas ao longo das atividades do ProfCampo.

Módulo IV – Plano Estratégico de Ação para a Escola do Campo

Neste módulo convidamos os professores em formação a construir um plano estratégico de ação para as Escolas do Campo, a partir do entrelaçamento das discussões e reflexões que surgiram ao longo do desenvolvimento dos módulos anteriores.

Este plano, por sua vez, foi mais pontual em contrapartida ao plano de ação⁵ que é construído nas escolas durante todo o início do ano letivo, o qual aborda seus sábados formativos, hora atividade, projetos que serão desenvolvidos na escola, dentre outras resoluções. Sendo assim, o ProfCampo vem no intento de provocar os professores a revisitarem este documento durante módulo IV, com vistas ao planejamento que pretende-se desenvolver no ano letivo seguinte.

Desta maneira, o ProfCampo foi constituído de forma a abarcar em seus módulos a realidade dos professores no decorrer das suas atividades escolares ao longo do ano letivo, visando promover não somente um espaço de formação continuada, através de práticas e reflexões, mas também um espaço de compartilhamento e vivências entre pares. E as tecnologias digitais, por sua vez, fazem parte deste momento atual em que a educação passa por um

⁵ Exigência da SMEEd para todas as escolas

processo de remodelamento, logo a formação de professores necessita atualizar-se neste quesito.

3.4 Estudo da Produção Científica Brasileira Entrelaçando Tecnologias e Educação do Campo

Para a realização do estudo⁶ sobre o cenário atual da produção científica com a temática Tecnologia na Educação do Campo, utilizamos três termos como palavras-chaves: Tecnologia na Educação, Educação do Campo e Tecnologia na Educação do Campo. Partindo destas palavras-chaves, a pesquisa foi realizada na biblioteca digital do SciELO. A escolha por esta fonte se deu mediante os seus critérios de avaliação, indexação e permanência dos periódicos. Além disso, é uma plataforma de acesso aberto, a qual contribui para o aumento da visibilidade, qualidade e credibilidade das produções nacionais e internacionais. Os resultados apresentados são balizados nos dados encontrados referentes ao período da referida busca (2013 à 2017), sem pretensão de esgotamento das informações. Com isso primeiramente foram realizadas buscas em todos os índices, a fim de obter um panorama geral sobre o número de artigos que resultariam nesta etapa. Neste momento não foram utilizadas delimitações, como pode ser observado no quadro 3.1.

Quadro 3.1. Resultados referentes a primeira busca.

Termo pesquisado	Resultados
Tecnologia na Educação	786
Educação do Campo	2616
Tecnologia na Educação do Campo	91

Fonte: Autoria própria (2019).

⁶ Recorte publicado na edição jan./abr. 2018, da Revista Brasileira de Educação do Campo. Disponível em: < <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/4748> >

Dando continuidade ao trabalho, foi necessário utilizar o índice “resumo” a fim de delimitar a busca em trabalhos que tivessem maior relação com os termos procurados. Logo, pesquisando por este índice, as palavras-chaves estariam compondo o texto de resumo dos trabalhos. O primeiro termo a ser pesquisado foi Tecnologia na Educação, o qual resultou em 292 resultados. Para refinar estes resultados com o objetivo de qualificar o retorno dos dados, foram aplicados alguns filtros para delimitar estes números.

No quadro 3.2, podemos acompanhar o resultado obtido da pesquisa, pela palavra-chave Tecnologia na Educação, sem a utilização de filtros, logo em seguida delimitando os resultados pelo país “Brasil” e, por fim, filtrando pelo idioma “português”.

Quadro 3.2. Resultados da busca geral e com a aplicação de filtros.

Termo pesquisado	Filtro(s) aplicado(s)	Resultados
Tecnologia na Educação	-	292
Tecnologia na Educação	Brasil	199
Tecnologia na Educação	Brasil / Idioma Português	178

Fonte: Autoria própria (2019).

Com os dados apresentados no quadro 3.2, podemos observar que, quando o resultado é filtrado por país, obtemos uma mudança considerável nos números. Eles diminuem de 292 para 199 com a utilização deste filtro, que é essencial devido ao nosso objetivo de visualizar a produção brasileira. Na continuação do refinamento dos dados inserimos um novo delimitador, desta vez em relação ao idioma das publicações, com intuito de visualizar a produção brasileira apenas em língua portuguesa.

Ao filtrar os resultados da pesquisa pelo idioma “português”, observamos uma diminuição de aproximadamente 40% no número de artigos recuperados nesta pesquisa, quando comparados à busca filtrada apenas pelo país “Brasil”, a qual diminuía em torno de 32%. Esta diferença demonstra que os brasileiros não produzem apenas em língua portuguesa e ressalta a importância de refinar a busca entre país e idioma, quando pretendemos encontrar determinados

resultados, baseados nos dados que objetivamos analisar. De maneira geral, podemos ressaltar a importância da seleção dos dados recuperados, visto que, para obtenção de resultados válidos para a pesquisa pretendida, é necessário o tratamento destes dados.

É interessante destacar que, se comparadas as produções resultantes da pesquisa (quadro 3.3), desde a data inicial de recuperação (período 1998 - 2017) com os resultados obtidos na delimitação deste trabalho, que referem-se ao período 2013 - 2017, encontramos uma diferença de 96 artigos. Ou seja, quase 50% da produção científica brasileira, em língua portuguesa, relacionada com a temática Tecnologia na Educação foi publicada nos últimos 5 anos.

Quadro 3.3. Quantidade total de trabalhos encontrados no período 1998 - 2017.

Termo pesquisado	Período	Total de trabalhos recuperados
Tecnologia na Educação	1998 - 2017	178
Tecnologia na Educação	2013 - 2017	82

Fonte: Autoria própria (2019).

Com a intenção de visualizar o panorama atual da produção científica brasileira, consideramos apenas os dados resultantes da pesquisa, filtrados pelos últimos 5 anos. No quadro 3.4, podemos acompanhar o número de publicações relacionadas com a temática Tecnologia na Educação, filtradas no período de 2013 a 2017.

Tabela 3.4. Resultados do período 2013 a 2017, apresentados ano a ano.

Termo pesquisado	Ano de publicação	Resultados
Tecnologia na Educação	2013	17
Tecnologia na Educação	2014	13

Tecnologia na Educação	2015	16
Tecnologia na Educação	2016	19
Tecnologia na Educação	2017	17

Fonte: Autoria própria (2019).

Como podemos acompanhar no quadro 3.4, a quantidade de trabalhos relacionados com a temática variam, não permitindo estabelecer uma linha crescente ou decrescente de produções.

Voltando a pesquisa para a segunda palavra-chave, obtemos resultados diferentes. Quando pesquisamos por Educação do Campo, pelo índice resumo, o resultado apresentado é 1547 publicações. Neste resultado, aplicamos os filtros país “Brasil” e idioma “português”, conforme o quadro 3.5, apresentado a seguir.

Quadro 3.5. Resultados da busca geral e com a aplicação de filtros.

Termo pesquisado	Filtro(s) aplicado(s)	Resultados
Educação do campo	-	1547
Educação do campo	Brasil	1165
Educação do campo	Brasil / Idioma Português	1121

Fonte: Autoria própria (2019).

A partir dos resultados desta pesquisa podemos refletir sobre a importância de pesquisar e levar efetivamente a discussão sobre a tecnologia para as escolas, em especial, as que localizam-se no campo. Este fato, pode mobilizar ações inovadoras em salas de aula, difundindo o conhecimento de forma ampla e eficaz, o que poder servir para diminuir as diferenças sociais, no que tange a promoção do acesso à informação.

Ainda sobre a análise dos dados, podemos notar mais uma vez a diferença entre o número de publicações, quando filtradas por país “Brasil” e, o número de publicações filtradas por país “Brasil” somado ao filtro idioma “português”. Nesta situação, os números diminuem em aproximadamente 25%

e 28% respectivamente. Em contraponto aos dados do quadro 3.2 que, quando aplicados os mesmos filtros, apresentam uma diminuição aproximada de 32% e 40%.

Quando comparamos o total da produção recuperada nesta pesquisa relacionada à temática Educação do Campo no período 2013 - 2017, com o total geral de resultados obtidos (quadro 3.6), podemos observar que mais de um terço dos artigos encontrados foram publicados nos últimos cinco anos. Isso demonstra um significativo aumento da produção científica nesta área do saber.

Quadro 3.6. Quantidade total de trabalhos encontrados e nos últimos 5 anos.

Termo pesquisado	Período	Total de trabalhos recuperados
Educação do campo	1971 - 2017	1121
Educação do campo	2013 - 2017	514

Fonte: Autoria própria (2019).

Ao separar os resultados da pesquisa por ano de publicação, (quadro 3.7), podemos observar que não existe uma grande diferença no número de publicações quando comparadas ano a ano, assim como também acontece no quadro 3.3. Continuamos a observar que a quantidade de publicações referentes à temática Educação do Campo é constante, mesmo na visualização ano a ano e mais expressiva quando comparada aos resultados encontrados com a palavra-chave anterior.

Quadro 3.7. Resultados do período 2013 a 2017.

Termo pesquisado	Ano de publicação	Resultados
Educação do Campo	2013	107
Educação do Campo	2014	94

Educação do Campo	2015	107
Educação do Campo	2016	98
Educação do Campo	2017	108

Fonte: Autoria própria (2019).

Quando optamos por mesclar as duas temáticas, buscando pela palavra-chave Tecnologia na Educação do Campo, os números obtidos são bem diferentes. No momento em que delimitamos a busca, passando a pesquisar pelas palavras-chaves no resumo dos artigos, este resultado cai para 51 trabalhos recuperados. Os números do resultado da busca diminuem à medida em que vamos aplicando os filtros país “Brasil” e idioma “português”, conforme apresentado no quadro 3.8.

Quadro 3.8. Resultados da busca geral e com a aplicação de filtros.

Termo pesquisado	Filtro aplicado	Resultados
Tecnologia na Educação do Campo	-	51
Tecnologia na Educação do Campo	Brasil	33
Tecnologia na Educação do Campo	Brasil / Idioma Português	28

Fonte: Autoria própria (2019).

À medida em que delimitamos a busca através dos filtros, menores foram os números de artigos encontrados, ao mesmo tempo em que melhor nos direcionamos a um resultado de acordo com o foco da pesquisa. Isto deve-se ao fato que diversos artigos que aparecem na recuperação da busca não necessariamente estão relacionados com a temática a ser analisada. Muitos trabalhos apenas citam alguns dos termos pesquisados, não tendo-os como objeto de estudo. No quadro 3.9, estão os números totais referentes às pesquisas no período dos últimos cinco anos e desde primeiro resultado recuperado até 2017.

Quadro 3.9. Quantidade total de trabalhos encontrados e nos últimos cinco anos.

Termo pesquisado	Período	Total de trabalhos recuperados
Tecnologia na Educação do Campo	2009 - 2017	28
Tecnologia na Educação do Campo	2013 - 2017	15

Fonte: Autoria própria (2019).

Com estes dados podemos observar que o resultado mais antigo com a temática da Tecnologia da Educação do Campo, nas bases do SciELO, é datado no ano de 2009. Também é possível visualizar que a produção referente ao período de 2013 à 2017 é responsável por mais da metade da produção total encontrada.

No quadro 3.10, podemos visualizar os resultados da pesquisa pelo termo Tecnologia na Educação do Campo ano a ano, no período de 2013 a 2017.

Quadro 3.10. Resultados do período 2013 a 2017.

Termo pesquisado	Ano de publicação	Resultados
Tecnologia na Educação do Campo	2013	03
Tecnologia na Educação do Campo	2014	02
Tecnologia na Educação do Campo	2015	03
Tecnologia na Educação do Campo	2016	03
Tecnologia na Educação do Campo	2017	04

Fonte: Autoria própria (2019).

Ao observar a tabela, vemos que não houve grande variação em relação ao número de trabalhos publicados. Nos anos de 2013, 2015 e 2016 a

quantidade de trabalhos é a mesma. Podemos identificar o aumento destes números apenas em 2017, quando houve a publicação de quatro trabalhos. Os resultados desta pesquisa apresentam uma baixa variação ano a ano.

Ainda sobre esta temática é importante salientar a importância da tecnologia, enquanto aliada a área da educação. Tanto nas zonas urbanas como nas rurais, a escola deve se manter atualizada e, servir como centro de referência não somente para o aprendizado, mas também para a pesquisa. Neste sentido, Pontuschka (2012, p.95) diz que “[...] persiste ainda a ideia de que o professor da escola básica não necessita pesquisar. Tal posição tem reforçado uma concepção de professor como transmissor ou repassador de informação, mero usuário do produto do conhecimento científico”. Isto é um paradigma que deve ser superado, evidenciando e reforçando o papel do docente enquanto pesquisador.

O estudo destes dados foi importante para obter um panorama geral das produções científicas brasileiras em língua portuguesa, que abordam as temáticas da Tecnologia e da Educação do Campo, dentro da biblioteca digital do SciELO. A partir deste trabalho, começamos a identificar em quais campos a pesquisa está mais avançada em relação à produção científica e, onde o número de trabalhos encontrados é menor, o que pode vir a atrair novas pesquisas e publicações. Notamos que as temáticas da Educação do Campo e da tecnologia são tendências atuais, e que podem abrir caminhos para novas pesquisas.

É interessante destacar que, a partir dos resultados filtrados por idioma, podemos detectar que a produção nacional não se restringe ao idioma português, pois observamos uma diminuição considerável, ao aplicarmos este filtro. Com base nos dados explicitados neste estudo, que referem-se aos resultados da produção científica brasileira e no idioma português, com a temática Tecnologia na Educação, podemos concluir que houve um aumento na publicação de artigos relacionados à esta temática. O mesmo pode ser observado em relação à temática Educação do Campo. Ambas mostraram um aumento no número de resultados obtidos, quando filtrados pelos últimos cinco anos e comparados aos resultados totais recuperados.

Quando passamos a focar na temática da Tecnologia na Educação do Campo, encontramos números bem distintos em comparação aos resultados

recuperados quando buscamos pelas palavras-chaves “Tecnologia na Educação” e “Educação do Campo” separadamente. Os artigos referenciados a este tema publicados no nosso país e em língua portuguesa, apresentam números relativamente baixos, como podemos observar ao comparar os dados das tabelas. Este fato, pode indicar uma provável carência de pesquisadores nesta área, a qual pode justificar-se dentre inúmeros motivos como: a falta de investimentos, carência de políticas públicas dedicadas à pesquisa, ou até mesmo, pouco interesse em levar temas como a tecnologia para dentro das Escolas do Campo.

Com isto, a abordagem sobre as Tecnologias Digitais no campo da educação, mesmo nos dias atuais, ainda pode parecer algo novo diante ao cenário de precarização do ensino em nosso país. Mesmo frente as problemáticas enfrentadas pelos professores no cotidiano escolar, novas medidas devem ser pensadas no intuito de qualificar o ensino básico, com atenção especial as Escolas do Campo. Desta forma, ações vêm sendo desenvolvidas, no que refere-se à formação dos professores que atuam nestes contextos.

No capítulo a seguir, trazemos uma abordagem a respeito da metodologia utilizada para esta pesquisa. A partir de um viés da pesquisa qualitativa, apresentaremos os procedimentos e métodos adotados para a produção e análise dos dados e, também, apresentaremos os sujeitos desta pesquisa.



Capitulo 4

Caminhos Metodológicos

*“Nunca imites ninguém.
Que a tua produção seja
como um novo fenómeno
da natureza”.*

Leonardo da Vinci.

Neste capítulo, iremos adentrar no campo da pesquisa social, onde podemos realizar um contato com a metodologia utilizada na produção dos dados desta pesquisa, sob a perspectiva do diálogo e da escuta. Também, discutiremos e exemplificaremos o processo de análise realizado a partir do Discurso do Sujeito Coetivo (DSC).

Essa pesquisa tem por objetivo **identificar as potencialidades do ProfCampo enquanto espaço formativo semi-presencial para os professores dos anos finais das Escolas do Campo de Rio Grande (RS)**, com a intenção de responder a seguinte questão de pesquisa: **“Quais as contribuições do ProfCampo para a Formação de Professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS)”**.

4.1 Pesquisa Qualitativa

Quando pensamos nas estratégias metodológicas a serem utilizadas em uma pesquisa, devemos analisar o quanto estas facilitarão o entendimento da complexidade dos fenômenos estudados e investigados. Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e, conforme pressuposto teórico “a pesquisa qualitativa possibilita descrever as qualidades de determinados fenômenos ou objetos de estudo” (CORTES, 1998, p.14). A diferença entre pesquisas quantitativas e qualitativas não é de oposição, mas de ênfase, o que não implica exclusividade (MINAYO, 1998).

Nesta proposta investigativa, a pesquisa qualitativa apresenta-se como o melhor caminho metodológico, considerando que “tem como objetivo a compreensão e a reconstrução da realidade social, especialmente a reconstituição dos sentidos e motivações das ações dos indivíduos, a descrição, explicação e interpretação das ações sociais” (NEVES; CORRÊA, 1998, p.8).

Neste sentido, Gil (2010), descreve a pesquisa social como “um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” (p. 26). Desta forma, podemos compreendê-la como um processo pelo qual, através da utilização de determinada metodologia científica, é possível a obtenção de

novos conhecimentos oriundos da realidade social. Para o autor a realidade social é entendida como:

em um sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos como outros homens e instituições sociais. Assim, o conceito de pesquisa aqui adotado aplica-se às investigações realizadas no âmbito das mais diversas ciências sociais, incluindo Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia, Economia, etc. (GIL, 2010, p. 26)

Segundo Gil (2010, p. 5), “os fatos sociais (...) são produzidos por seres que sentem, pensam, agem e reagem, sendo capazes, portanto, de orientar a situação de diferentes maneiras”. Disto, trazemos a importância de ampliar os nossos olhares sobre os fatos, analisando múltiplos pontos de observação pois, ainda segundo o autor, “diferentemente do pesquisador que atua no mundo das coisas físicas, o cientista social (...) está tratando de uma realidade que pode não lhe ser estranha” (2010, p. 5).

Citando os fatos sociais, fazemos uma aproximação com as rodas de conversa ou “Círculos de Cultura”, conforme Freire (1999). Estes são momentos que proporcionam a oportunidade de fala e escuta, no sentido de que ao escutar o outro, tornamo-nos sujeitos aprendentes. Assim, o diálogo entre a prática e a teoria proporciona a possibilidade de estar no lugar do outro, a partir do seu contexto, com isto, dialogando com as diferentes experiências.

No intento de obter resultados socialmente mais relevantes, Gil (2010) cita dois métodos alternativos de pesquisa: a “pesquisa-ação” (THIOLLENT, 2005) e a “pesquisa-participante” (FALS BORDA, 1983). Ambos contam com o envolvimento do pesquisador no campo empírico junto aos pesquisados, assim este relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos “acabam se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite a idéia de objeto que caberia somente em ciências naturais” (Demo, 1983, p. 115).

Sendo assim, compreendemos o nosso trabalho enquanto uma pesquisa participante, visto que, o pesquisador estará presente durante todo o processo formativo não apenas enquanto investigador, mas também assumindo o papel

de Professor Articulador, o que permite atuar de forma participativa no campo empírico. De acordo com Fals Borda (1983, p. 43), o qual define a pesquisa participante como a:

[...] que responde especialmente às necessidade de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior.

Desta forma abrem-se novas possibilidades ao pesquisador que, dentro de um contexto social, pode vivenciar o processo de maneira mais dinâmica.

4.2 Produção dos Dados

A amostragem foi estabelecida com base em Minayo (1998, p. 196), considerando que “uma amostra ideal em pesquisa qualitativa não atende a critérios numéricos, mas é aquela que reflete as múltiplas dimensões da totalidade”. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizaremos para a produção de dados os questionários eletrônicos do *Google Forms*¹. Esta ferramenta deve ser utilizada de modo a assegurar total compreensão por parte dos sujeitos investigados, por meio de questões claras e focadas, no encontro do que diz Hill e Hill, quando trata da escrita do questionário,

quando estamos escrevendo as perguntas de um questionário devemos pensar cuidadosamente em quem vai responder ao questionário pois as perguntas devem ser escritas de uma maneira adequada às suas (prováveis) habilitações literárias e ao vocabulário dos respondentes. (HILL E HILL, 2005, p. 96)

Ao final das atividades dos módulos, todos os professores que participaram do ProfCampo foram convidados a participar desta pesquisa, através de um questionário eletrônico do *Google Forms* (apêndice I), formulado pelo pesquisador, o qual foi encaminhado para os e-mails de todos os participantes. Conforme explicitado no questionário, ao responder as questões,

¹ Ferramenta do Google que possibilita a criação de formulários com perguntas, pesquisas, enquetes, dentre outras funcionalidades

os professores em formação aceitavam automaticamente o convite, concordando com a utilização das suas respostas para a produção dos dados deste trabalho, tornando-se sujeitos investigados.

Desta forma, os sujeitos desta pesquisa constituem-se pelos 20 professores dos Anos Finais das Escolas do Campo, os quais responderam ao questionário recebido por e-mail, e estão distribuídos nas seguintes áreas do conhecimento mostradas no quadro 4.1.

Quadro 4.1. Distribuição dos sujeitos da pesquisa, por área do conhecimento.

Área do Conhecimento	Quantidade de Professores
Linguagens	09
Matemática	04
Ciências da Natureza	03
Ciências Humanas	04
TOTAL	20

Fonte: Autoria própria (2019).

Analisando os dados do quadro 4.1 podemos visualizar que a quantidade de professores da área das linguagens é superior a soma de professores das áreas ciências humanas e matemática, acarretado pela quantidade de componentes curriculares da área. Interessante destacar que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a área de linguagens reúne quatro componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física. Ainda, segundo a BNCC, esta área do conhecimento trata dos saberes relacionados à atuação dos sujeitos em práticas de linguagem, em diversas esferas da comunicação humana, das mais cotidianas às mais formais e elaboradas, que por sua vez possibilitam mobilizar e ampliar recursos expressivos, para construir sentidos com o outro em diferentes campos de atuação.

Ao observarmos o quadro 4.2, visualizando os professores destas Escolas do Campo por tempo de atuação no magistério, podemos notar que a maioria possui mais de 10 anos de experiência em salas de aula.

Quadro 4.2. Distribuição dos sujeitos da pesquisa, por tempo de atuação.

Tempo de atuação no magistério (em anos)	Quantidade de Professores
0 - 5	02
5 - 10	06
10 - 15	03
15 - 20	03
20 - 25	01
25 - 30	02
30 - 35	02
35 - 40	01
TOTAL	20

Fonte: Aatoria própria (2019).

Deste total de professores apresentados no quadro 4.2, aproximadamente 50% atua nas escolas a mais de uma década, o que pode representar uma grande oportunidade de repensar as práticas docentes destes sujeitos. Em tratando-se dos recentes avanços tecnológicos, estes professores foram traspassados por inúmeras mudanças no que tange o seu fazer pedagógico, as Tecnologias Digitais atuais e ao modo em que as pessoas vem reorganizando as suas relações com a sociedade e com o mundo em que vivemos.

Em relação à pós-graduação, podemos observar no quadro 4.3 uma relação dos professores que possuem especialização, mestrado e doutorado.

Quadro 4.3. Distribuição dos sujeitos da pesquisa e seus cursos de pós-graduação.

Curso		Quantidade de Professores
Graduação		02
Pós-graduação	Especialização	13
	Mestrado	03
	Doutorado	02
TOTAL		20

Fonte: Autoria própria (2019).

Com estas informações podemos observar que a a grande maioria dos professores possuem cursos de pós-graduação, o que pode justificar-se pela valorização no Plano de Carreira dos Professores da Rede Municipal de Educação. Este movimento é bastante positivo, no qual o professor tem reconhecido o seu empenho em ampliar a sua formação, conciliando às suas exaustivas jornadas semanais de trabalho.

4.3 Análise dos Dados

No caminho em direção ao objetivo proposto por esta pesquisa, vão surgindo muitos dados que precisam ser organizados, filtrados e posteriormente interpretados. Para a produção dos dados analisados utilizamos o questionário enquanto instrumento. Sendo assim, para o tratamento dos dados produzidos utilizamos o método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2005).

Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 53), o questionário é a forma mais usada para produzir dados, “pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra questionário refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”.

A escolha pelo questionário justifica-se devido às suas vantagens em relação a sua natureza e capacidade de atingir simultaneamente várias pessoas, permitindo o anonimato das respostas e flexibilidade de tempo para o respondente. Também pode ser encaminhado via correios ou disponibilizado de forma digital, proporcionando agilidade e uma economia de recursos (MARCONI; LAKATOS, 2015; CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Sendo assim, utilizamos um formulário eletrônico, principalmente, pelas possibilidades que esta ferramenta proporciona. Como o processo formativo

em que os sujeitos da pesquisa participaram aconteceu de forma semi-presencial, no intuito de potencializar o tempo e evitar a necessidade de descolamento dos mesmos, um outro método de produção de dados que demandasse a presença dos participantes iria de encontro ao propósito do ProfCampo.

Em relação à metodologia escolhida para tratar e analisar os dados produzidos (o método DSC), consiste em uma análise dos materiais produzidos em pesquisas, os quais têm como sua matéria-prima, os depoimentos dos sujeitos investigados. É inspirada nas teorias das representações sociais e coletivas.

Com sua obra, os autores almejavam romper com os habituais métodos tradicionais de pesquisa, principalmente os quantitativos, os quais desconsideram o pensamento coletivo dos sujeitos. Segundo Lefèvre e Lefèvre, a proposta do DSC é uma

[...] forma de conhecimento ou redução de variabilidade discursiva empírica, implica um radical rompimento com a lógica quantitativo-classificatória na medida em que se busca resgatar o discurso como signo de conhecimento dos próprios discursos. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 19)

Sendo assim, o DSC é “uma estratégia metodológica que, utilizando uma estratégia discursiva, visa tornar mais clara uma dada representação social” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.19).

Na utilização do DSC não existe a anulação nem a redução dos discursos dos depoimentos. O que se busca com o método é a reconstrução, a partir de pedaços de discursos individuais, quantos discursos-síntese se julgue necessários para que se expresse uma dada figura ou um dado pensar coletivo ou seja, uma representação social sobre um determinado fenômeno.

Desta maneira, os autores dizem ainda que o DSC é “uma proposta de organização e tabulação dos dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, cartas, revistas especializadas, etc” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 15-16).

Para iniciar o trabalho de análise dos dados, os autores definiram figuras metodológicas para o uso do DSC. São elas: expressões-chave, ideias centrais e ancoragens.

Abordando cada uma delas, segundo os autores, as Expressões-chave (ECH), são fragmentos ou trechos do discurso, que devem ser destacados, sublinhados ou coloridos pelo pesquisador. As mesmas revelam o que têm de mais importante no depoimento, ou seja, o conteúdo discursivo dos participantes, na visão do pesquisador. As ECH são extraídas a partir de um conjunto de dados, trechos e transcrições literais de discursos, que irão revelar a essência do conteúdo. Para Lefèvre e Lefèvre (2005),

as Expressões-chave representam o conteúdo ou a substância ou o “recheio” desse sentido, identificado por esse nome ou por essa marca. As Expressões-Chave são seguimentos de discursos que remetem à ideia central e a corporificam. (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2005, p.26, grifos do autor)

As Ideias Centrais (IC) são expressões linguísticas que descrevem, de maneira resumida, o sentido de cada um dos discursos, ou seja, uma interpretação mais fidedigna. As IC representam uma figura metodológica sob inspiração de uma dada teoria ou ideologia que o pesquisador julga necessária para enquadrar situações específicas, porém nem sempre estão presentes nos discursos. Segundo os autores, “é importante assinalar que a IC não é uma interpretação, mas uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 17). Os autores afirmam também que,

a ideia central tem, portanto, a importante função de individualizar um dado discurso ou conjunto de discursos, descrevendo, positivamente, suas especificidades semânticas o que permite distingui-lo de outros discursos portadores de outras especificidades semânticas. (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2005, p.25)

Por sua vez, o DSC está inspirado na teoria das representações sociais, no que tange a figura das Ancoragens (AC). Sendo assim, as AC são utilizadas quando encontramos “a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 17). Assim, as AC podem estar, ou não, expressadas nos depoimentos dos sujeitos investigados. Elas são destacadas com a finalidade de fazer uma distinção entre os discursos e suas marcas linguísticas,

sob a motivação de destacar os pressupostos teóricos, conceituais ou ideológicos que, por muitas vezes, ficam subentendidas às práticas do cotidiano dos sujeitos que estão expressando-se.

Logo, podemos dizer que a técnica fundamenta-se na análise do material coletado extraindo individualmente, de cada depoimento, as IC ou AC e suas ECH correspondentes. Desta forma, o método DSC caracteriza-se como uníssono, que representa uma coletividade. Ou seja, a técnica não visa individualizar os discursos, mas sim uni-los formando um único discurso coletivo, o qual, segundo Lefèvre e Lefèvre (2005), é uma soma de pensamentos em forma de um conteúdo discursivo.

A partir das ECH, das IC ou AC com mesmo sentido ou semelhança, constrói-se um discurso a fim de unificar a fala do eu coletivizado na primeira pessoa do singular. De acordo com os autores,

O sujeito coletivo se expressa, então através de um discurso emitido no que se poderia chamar de *primeira pessoa (coletiva) do singular*. Trata-se de um *eu* sintático que, ao mesmo tempo em que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse *eu* fala pela ou em nome de uma coletividade. Esse discurso coletivo expressa um sujeito coletivo, que viabiliza um pensamento social: como afirma Gertz, a sociedade ou as culturas podem ser lidas como um texto. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 16, grifos do autor)

Faz-se necessário realizar uma articulação narrativa a fim de promover uma hierarquização lógica e continuada, dando sentido ao discurso. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2005), durante a construção do DSC deve-se aproveitar todas as ideias que foram expressadas nos depoimentos. Das ideias semelhantes ou repetidas, deve-se eleger apenas uma, no intuito de que o discurso fique arrematado.

Segundo Duarte, Mamede e Andrade, o desenvolvimento do DSC e a sua aplicação ocorrem a partir da utilização de

trechos do discurso, ou seja, descrições literais dos depoimentos, reveladores da essência do conteúdo das representações, os quais são denominados expressões-chave. A partir dos recortes de fala significativos identificam-se as ideias centrais que se constituem de palavras ou expressões linguísticas que revelam, de maneira precisa e sintética, o

sentido presente nos depoimentos. (DUARTE; MAMEDE; ANDRADE, 2009, p. 624).

Desta forma, as ECH juntamente das IC e AC irão compor o quadro onde se organizam os trechos dos depoimentos, chamado Instrumento de Análise do Discurso (IAD), o qual auxilia no entendimento sobre como funciona o método de construção dos discursos (DUARTE; MAMEDE; ANDRADE, 2009).

Com a intenção de apresentar como operamos a técnica do DSC, fizemos o recorte de um dos depoimentos que foram obtidos dos pesquisados. O seguinte trecho transcrito refere-se às respostas dos professores dos anos finais das Escolas do Campo quando questionados sobre suas impressões e concepções a respeito da Educação a Distância e sobre a Formação de Professores.

Desta forma, primeiramente agrupamos na primeira coluna, os fragmentos e destacamos cada um deles por meio de diferentes cores. Estes destaques são trechos com significados que indicam as ECH. Na coluna seguinte, identificamos as IC correspondentes e, logo em seguida, na terceira coluna, elencamos as AC expressas nas falas dos pesquisados.

Quadro 4.4. Instrumento de Análise de Discursos (IAD 1).

Expressões-Chave	Ideias Centrais	Ancoragens
<p>Sim, acredito que nesses momentos podemos sempre aprender e nos atualizar, além disso, acredito que os professores precisam estar em constante estudo. Também, penso que nesses espaços através da troca com iguais podemos aprender. Fundamental e imprescindível. Sim, utilizo muito nas minhas atividades como gestora e auxílio na utilização a todos que necessitam dentro da escola. Fiz uma especialização e estou cursando outra, penso que a praticidade de fazer em qualquer hora e qualquer local é ótima, por isso também acaba às vezes</p>	<p>Potencialidades Formação EAD</p> <p>Fragilidades Formação EAD</p> <p>Importância da Formação de Professores</p>	<p>Formação de Professores</p> <p>EAD</p> <p>Educação Popular</p>

atrapalhando, porque às vezes damos prioridade para outras atividades e deixamos para depois as atividades formativas. Flexibilidade de tempo e espaço e liberdade de produção e estudo		
---	--	--

Fonte: Autoria própria (2019).

Como podemos observar no IAD 1, os fragmentos dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa foram copiados integralmente, tendo a sua essência destacada por cores diferentes, originando as ECH. Desta forma, cada conjunto formado por ECH recorrentes correspondem a diferentes IC ou AC, as quais possuem o mesmo sentido, semelhante ou complementar. Na continuação, levando em consideração as IC recorrentes, foi criado o IAD 2, o qual representa o mapa da montagem do DSC.

Para produzirmos o DSC denominado “O Olhar dos Professores Sobre o ProfCampo”, primeiro copiamos, na primeira coluna, as ECH com mais recorrência no IAD 1, logo em seguida construímos o discurso representando a expressão do pensamento coletivo na segunda coluna. Ainda, no intento de viabilizar a construção do discurso buscando proporcionar a coesão do texto, nos utilizamos de conectivos, quando necessário e eliminamos particularidades.

Quadro 4.5. Instrumento de Análise de Discursos (IAD 2).

Expressões-Chave	DSC - O Olhar dos Professores Sobre o ProfCampo
<p>acredito que devemos estar sempre discutindo educação</p> <p>Essencial no aperfeiçoamento profissional reavaliarmos nossos processos pedagógicos nos sacodem para continuar buscando algo mais</p> <p>O aprendizado, a oxigenação e reflexão da nossa prática são os grandes frutos das formações</p> <p>nesses momentos podemos sempre aprender e nos atualizar</p> <p>através da troca com iguais podemos aprender</p> <p>Acho muito importante compartilhar saberes, continuar estudando</p> <p>Também temos o que compartilhar, práticas, métodos e experiências que podem ser de grande valia para outros colegas</p> <p>É fundamental para trocar ideias e enriquecer</p>	<p>Acredito que devemos estar sempre discutindo a educação. Isto é essencial no aperfeiçoamento profissional. Reavaliarmos nossos processos pedagógicos nos sacodem para continuarmos o aprendizado, a oxigenação e a reflexão da nossa prática. Nestes momentos podemos sempre aprender e nos atualizar através das trocas, acho muito importante compartilhar saberes e continuar estudando, pois as nossas práticas, métodos e experiências podem ser de grande valia para outros colegas. Acredito que nunca estamos prontos, há sempre o que refletir e buscar aperfeiçoar. Existe uma preocupação com a formação dos alunos, pois não temos uma formação voltada especificamente para as peculiaridades deles. Desenvolvemos, conforme as necessidades, modalidades de ensino e, também, conforme as nossas</p>

<p>a prática docente</p> <p>Acredito que nunca estamos prontos, há sempre o que refletir e buscar aperfeiçoar</p> <p>existe uma preocupação com a formação dos alunos</p> <p>O repensar, se atualizar, trocar experiências, compartilhar conhecimentos</p> <p>não temos uma formação voltada para as peculiaridades desses alunos, desenvolvemos, conforme as necessidades, modalidades de ensino conforme nossas capacidades</p> <p>Acredito que não se deve estabelecer esta diferença entre professor do campo e cidade</p> <p>a aproximação entre as escolas do campo através dos relatos, saber que embora com realidades diferentes temos muito em comum</p> <p>possibilidade de trocar experiências e conhecer outras realidades das Escolas do Campo</p> <p>São diferentes ao que o professor experimenta no dia-a-dia</p> <p>revisitar e refletir sobre as práticas mudamos assim, o cenário da educação</p> <p>o contato e convívio com outros colegas que compartilham das mesmas dificuldades que nós</p> <p>acrescenta algo ao conhecimento que já temos</p> <p>na maioria das vezes, escuto alguma coisa que me faz repensar e acrescentar na minha prática</p> <p>ter opções sobre o próprio tempo que será investido em estudos, fazer isso no conforto da sua casa e talvez estudar mais do que se precisasse se deslocar também são fatores positivos</p> <p>É o melhor para poder conciliar trabalho e estudo</p> <p>a necessidade de estar sempre em formação</p> <p>manter o professor sempre ativo</p>	<p>capacidades. Não devemos focar apenas nas diferenças entre professores do campo e cidade, pois a aproximação entre as escolas do campo, através dos relatos, nos mostra que embora com realidades diferentes, temos muito em comum. A possibilidade de trocar experiências e conhecer outras realidades das Escolas do Campo mostra que no seu dia-a-dia os professores experimentam situações variadas. Sendo assim, ao revisitar e refletir sobre as nossas práticas, mudamos o cenário da educação. O contato e convívio com outros colegas sempre acrescenta algo à nós, pois na maioria das vezes escuto alguma coisa que me faz repensar e acrescentar na minha prática. Ao ter opções sobre o próprio tempo que será investido em estudos, fazer isto no conforto de nossa casa e, talvez estudar mais do que se precisasse gastar tempo em deslocamento, são fatores positivos. É o melhor para poder conciliar trabalho e estudo, pois a necessidade de estar sempre em formação mantém o professor sempre ativo.</p>
--	---

Fonte: Autoria própria (2019).

No IAD 2, após ordenarmos as ECH orientadas pelas AC e IC as quais consideramos complementares de forma coesa, atingimos o discurso do sujeito coletivo, que segundo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 18) “[...] é um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC ou AC”, e ainda, segundo os autores, ao “resgatar o discurso como signo de conhecimento dos próprios discursos” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 18), acabam por provocar uma ruptura com a lógica quantitativo-classificatória. O que apresentamos nos quadros 4.4 e 4.5, foi uma

demonstração do operar da técnica na construção do DSC e, os instrumentos de análise de dados podem ser observados, em sua integralidade, no apêndice II deste trabalho.

Na realização de cada etapa para a elaboração dos IAD's as respostas dos sujeitos foram organizadas pela proximidade das perguntas. A partir da nossa observação sobre as semelhanças, as ECH foram reagrupadas constituindo três DSC's.

No capítulo a seguir, apresentamos os três discursos e traçamos as discussões em torno das temáticas emergentes das falas dos sujeitos pesquisados. Para isto, iremos dialogar com os teóricos que versam acerca da temática Formação de Professores, Educação do Campo e Tecnologias Digitais.



Capítulo 5

O Olhar sobre os Espaços Formativos da Educação do Campo

*“Mesmo que já tenha feito
uma longa caminhada,
sempre haverá mais um
caminho a percorrer”.*

Santo Agostinho.

Para darmos continuidade a este trabalho, neste presente capítulo, apresentamos os resultados dos dados produzidos a partir dos questionários aplicados aos sujeitos desta pesquisa. Desta forma, emergiram três discursos coletivos: “A Formação sob o Olhar dos Professores”, “O Olhar Sobre Educação à Distância e Presencial” e “O Olhar dos Professores Sobre o ProfCampo”. Partindo destes discursos, trazemos algumas considerações a respeito do que é compreendido sobre Formação de Professores no âmbito das Escolas do Campo, bem como a sua relação com as tecnologias digitais e o fazer docente.

Partindo do objetivo desta pesquisa que é identificar as potencialidades do ProfCampo enquanto espaço formativo semi-presencial para os professores dos Anos Finais das Escolas do Campo do Rio Grande, traremos uma reflexão sobre as percepções que estes professores tiveram sobre o ProfCampo.

5.1 A Formação sob o Olhar dos Professores

A Formação de Professores é um tema recorrente nas pesquisas e discussões atuais, tornando-se temática importante no que diz respeito à construção do conhecimento. Desta forma é necessário buscar novas formas e possibilidades para que o processo formativo possa acontecer de forma mais eficaz. Mas o que poderíamos entender enquanto um processo eficaz? Podemos dizer, neste caso, que um processo formativo eficaz precisa atingir os seus participantes de forma que promova uma transformação na sua constituição, enquanto professores e, que esta mesma transformação atinja o seu fazer pedagógico dentro das suas salas de aula. A partir da reflexão sobre suas práticas, mediadas não somente pelos “formadores”, mas também e principalmente pela “revisitação” das experiências dos seus pares, as quais podem servir como uma espécie de modelo de análise, facilitando a visualização das suas próprias práticas refletidas nas práticas do outro.

Desta maneira, iremos abordar a formação de professores sob a ótica da formação em serviço dos educadores que participaram do ProfCampo, a partir do seu discurso coletivizado, o qual expressa as suas concepções e anseios sobre esta temática, conforme quadro 5.1.

Quadro 5.1: DSC 1 - A Formação sob o Olhar dos Professores

Acredito que devemos estar sempre discutindo a educação. Isto é essencial no aperfeiçoamento profissional. Reavaliarmos nossos processos pedagógicos nos sacodem para continuarmos o aprendizado, a oxigenação e a reflexão da nossa prática. Nestes momentos podemos sempre aprender e nos atualizar através das trocas, acho muito importante compartilhar saberes e continuar estudando, pois as nossas práticas, métodos e experiências podem ser de grande valia para outros colegas. Acredito que nunca estamos prontos, há sempre o que refletir e buscar aperfeiçoar. Existe uma preocupação com a formação dos alunos, pois não temos uma formação voltada especificamente para as peculiaridades deles. Desenvolvemos, conforme as necessidades, modalidades de ensino e, também, conforme as nossas capacidades. Não devemos focar apenas nas diferenças entre professores do campo e cidade, pois a aproximação entre as escolas do campo, através dos relatos, nos mostra que embora com realidades diferentes, temos muito em comum. A possibilidade de trocar experiências e conhecer outras realidades das Escolas do Campo mostra que no seu dia-a-dia os professores experimentam situações variadas. Sendo assim, ao visitar e refletir sobre as nossas práticas, mudamos o cenário da educação. O contato e convívio com outros colegas sempre acrescenta algo à nós, pois na maioria das vezes escuto alguma coisa que me faz repensar e acrescentar na minha prática. Ao ter opções sobre o próprio tempo que será investido em estudos, fazer isto no conforto de nossa casa e, talvez estudar mais do que se precisasse gastar tempo em deslocamento, são fatores positivos em um processo de formação. É o melhor para poder conciliar trabalho e estudo, pois a necessidade de estar sempre em formação mantém o professor sempre ativo.

Destacamos a importância do movimento para a educação. Este movimento não ocorre de forma linear e constante, pois para o professor, o ato de parar e refletir sobre o seu trabalho que vem sendo desenvolvido em uma sala de aula, é um exercício que cada vez mais vem sendo repetido em suas formações. Nóvoa (1992) e Tardif (2014) defendem a idéia de uma formação de professores que ocorre em múltiplas esferas e que constitui-se por vários saberes. Logo, em consideração aos princípios e concepções destes autores, devemos reconhecer que a formação de professores não acontece em um momento estanque, mas sim enquanto um processo que vai sendo construído de forma gradual ao longo de toda sua trajetória pessoal e profissional.

A partir do que foi discutido no DSC 1, podemos identificar que os professores participantes do ProfCampo compreendem a formação de professores, enquanto um processo contínuo, como essencial na sua

constituição profissional. Da mesma forma, destacam o seu anseio por discutir o contexto educacional com o seus pares no intuito de trocar experiências e buscar novas estratégias metodológicas, contribuindo nas suas práticas pedagógicas.

Esta atualização faz toda a diferença no que tange a ampliação dos conhecimentos e experiências dos educadores, sendo que é importante destacar que não vivemos em um mundo estanque de verdades absolutas e imutáveis, necessitamos estar em constante busca por novas informações. Por sua vez, pode e deve ser questionado, proporcionando assim uma constante busca pelo conhecimento. Conforme Tardif (2014)

“o valor social, cultural e epistemológico dos saberes reside em sua capacidade de renovação constante, e a formação com base nos saberes estabelecidos não passa de uma introdução às tarefas cognitivas consideradas essenciais e assumidas pela comunidade científica em exercício” (TARDIF, 2014, p.34)

Neste sentido, o autor destaca uma tendência, enquanto sociedade científica, em formarmos-nos com base nos saberes considerados já estabelecidos, ao mesmo tempo em que afirma que os valores essenciais dos saberes está em sua capacidade de renovação. Neste mesmo caminho, Freire (2008) destaca a importância de mantermo-nos em constante movimento de aprendizado nas esferas profissionais e pessoais, ou seja, devemos mantermo-nos em movimento em relação as nossas frentes de luta por um modelo plural de educação que abarque as diversas dimensões que constituem o sujeito. Dimensões estas, resultantes das nossas vivências, participação e compromissos sociais e políticos, ou em suas palavras, “inserção esta que, sendo crítica, é compromisso verdadeiro. Compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o seu ser mais deste homem” (FREIRE, 2008, p. 25).

Isto vem ao encontro do que dizem os professores participantes do ProfCampo quando os mesmos falam que “*Reavaliarmos nossos processos pedagógicos nos sacodem para continuarmos o aprendizado, a oxigenação e a reflexão da nossa prática*” (DSC 1). Sendo assim, a formação de professores, para além dos seus objetivos amplos, é um momento de compartilhar

experiências entre os pares, elevando a participação dos professores para além de meros expectadores e ouvintes, promovendo um espaço de protagonismo. Trazer a formação para o cotidiano dos professores, bem como para os seus locais de atuação, pode criar uma atmosfera de segurança, pois a partir do seu lugar de fala, é mais fácil a comunicação. Ao trabalharmos em uma perspectiva horizontal, possibilita vencermos certos receios que podem impedir que os professores participem de forma ativa, impossibilitando que os mesmos demonstrem verdadeiramente suas necessidades, dúvidas e anseios.

Destacamos, ainda com base no discurso coletivizado, que os professores preocupam-se com a formação voltada as práxis desenvolvidas com os alunos. Sentem a necessidade de discutir e conhecer metodologias específicas, as quais levem em consideração as especificidades dos contextos atendidos por suas escolas. Neste caso, as comunidades do Campo, onde se faz fundamental conhecer a realidade do lugar e das pessoas que nele vivem. As suas relações entre sí e com o seu meio são relevantes para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico educacional. Como o nosso viés educacional é balizado na perspectiva da Educação Popular, é importante que a democratização da educação venha do próprio povo, ou seja, oriunda das camadas as que se destina. Com isto, Brandão (2012) atesta que

[...] esta é a razão pela qual se pode pensar a educação popular como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir, com o aporte de seu conhecimento 'a serviço' de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular (BRANDÃO, 2012, p. 100)

Sendo assim, chama-nos a atenção para a necessidade do protagonismo por parte das comunidades populares, algumas tradicionais, e do caráter político que a sua participação e emancipação criam. Livrar-se de esteriótipos e histórias fadadas é essencial para que possamos desenvolver um trabalho educacional que faça enfretamento as exigências de uma sociedade cada vez mais mecanizada e instrumentalizada.

Os professores que atuam na Educação do Campo, ao entender as “distâncias” e “aproximações” entre o meio rural e urbano, abordado dentro de seus espaços de formação, pelas temáticas relacionadas às comunidades do

Campo e seus desdobramentos, passam a demonstrar maior entendimento e cuidado nas suas ações pedagógicas que contemple as necessidades do Campo. Mesmo tendo-se ampliado a oferta de formação específica, a qual ocorre nas escolas durante a hora-atividade e nos sábados formativos, ou na Secretaria de Município da Educação, ainda existe a necessidade de maior aprofundamento nas questões que envolvem concepção de Educação do Campo. Embora exista essa necessidade, isso não impede que estes profissionais atuem da melhor maneira possível nos contextos, de modo a contemplar as suas especificidades.

Conforme excerto do DSC 1 *“Desenvolvemos, conforme as necessidades, modalidades de ensino e, também, conforme as nossas capacidades”* (DSC 1), podemos ver que os professores mostram-se capazes de buscar novos conhecimentos por conta própria. Porém, isto não pode ser interpretado como indicativo de que não faz-se necessário investir em formação de professores voltada para as especificidades do Campo, pelo contrário, isto demonstra que os mesmos anseiam por ela. Apesar de que, talvez por falta de formação específica, os professores atuantes no Campo tenham, por vezes, dificuldade em compreender as diferentes nuances que os diferenciam dos professores que atuam na zona urbana, onde as comunidades, salvo exceções, não constituem-se nos mesmo moldes das comunidades camponesas.

Aqui é importante reafirmar que, mesmo com as distâncias geográficas que separam o Campo da cidade, ambos, por vezes, se aproximam no que diz respeito às suas relações sociais, pois hoje em dia não existe mais o isolamento dos povos do Campo. Ou seja, as pessoas que nele vivem, também estão inseridos num contexto de mundo globalizado, o qual permeia de maneira acelerada as relações entre o homem, o meio e a sociedade como um todo.

Sempre devemos afastarmo-nos das formas estereotipadas de ver o mundo. Hoje em dia temos cada vez menos espaço para agrupar sentidos e conceitos dentro de caixas. Eles vão além e, isto deve ser utilizado a nosso favor, no intuito de ampliar a nossa capacidade de compreender o mundo em que estamos inseridos. Desta forma, podemos afirmar que as realidades são

plurais e diversas. Neste mesmo sentido os professores expressam em seu discurso que:

“ A possibilidade de trocar experiências e conhecer outras realidades das Escolas do Campo mostra que no seu dia-a-dia os professores experimentam situações variadas. Sendo assim, ao revisitar e refletir sobre as nossas práticas, mudamos o cenário da educação” (DSC 1).

Deste trecho, podemos entender que eles tem bem definido em suas concepções que, apesar das escolas estarem inseridas no Campo, por sua vez, elas se distinguem a partir da realidade de cada um dos seus contextos. Neste sentido, eles afirmam que, apesar das semelhanças que as aproximam, existem as situações exclusivas relacionadas a cada vivência experienciada no dia-a-dia de cada uma das escolas. E com isto, destaca-se o movimento de reflexão que acontece devido aos compartilhamentos destas experiências entre os professores durante os processos de formação.

Uma metodologia de formação deveria estar fundamentada nos seguintes princípios: propiciar uma aprendizagem da colegialidade participativa; estabelecer uma correta sequência formadora que parta dos interesses e das necessidades dos assistentes da formação; partir da prática dos professores; criar um clima de escuta ativa e de comunicação; elaborar projetos de trabalho em conjunto; superar as resistências ao trabalho colaborativo e conhecer as diversas culturas da instituição. (Imbernón, 2010, p.65)

A escola, ao pensar em uma formação, deve primeiramente prover recursos metodológicos, os quais agreguem para além do pertencimento, o sentimento de coletividade entres os seus educadores. Desenvolver o trabalho partindo de um processo de escuta, associado às práticas vivenciadas pelos professores, torna a formação mais relevante e significativa.

Estar em contato direto com os colegas, por vezes, torna-se algo dificultoso, visto que, alguns dos professores cumprem suas cargas horárias em mais de uma escola. Isto impossibilita o contato direto com os demais colegas de escola.

Ao ampliarmos a discussão quanto ao convívio entre professores de diferentes Escolas do Campo, a situação se agrava. Ter um momento no qual

se possa reunir todos os profissionais em educação de uma Escola do Campo, principalmente as que ofertam Anos Finais do Ensino Fundamental, torna-se bastante complicado. Isso é acarretado, na maioria das vezes, às extensas jornadas de trabalho que os professores enfrentam, e/ou pelas longas distâncias que precisam percorrer desde as suas casas até os seus locais de trabalho. Questões envolvendo calendário letivo também pode ser levado em consideração, visto que, o mesmo é padrão para todo município.

Diante dos fatos citados anteriormente, por vezes torna-se difícil reunir todos os educadores em um único espaço físico, ou até mesmo em sua própria escola. Quando ampliamos para uma socialização com outras unidades educacionais, com o objetivo de propiciar um espaço de interação e compartilhamentos das suas experiências e anseios, a dificuldade aumenta. Conforme explicitado no excerto a seguir, os professores sentem a necessidade de um melhor gerenciamento do seu tempo.

“[...] ao ter opções sobre o próprio tempo que será investido em estudos, fazer isto no conforto de nossa casa e, talvez estudar mais do que se precisasse gastar tempo em deslocamento, são fatores positivos em um processo de formação” (DSC 1).

Com isto, podemos dizer que o grande desafio é encontrar novas formas de promover o encontro e os diálogos entre os professores, em especial, os que atuam nas Escolas do Campo. Conhecemos as dificuldades que por vezes impedem estas aproximações, ao mesmo tempo em que sabemos que com planejamento e ações coletivas é possível aproxima-los cada vez mais.

Lutar em favor de construir coletivamente novas modalidades de formação para os professores é imprescindível quando temos por lema a educação enquanto ferramenta emancipatória dos sujeitos. Sendo assim, o exercício da cidadania dos sujeitos contempla a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, o que pode e deve ser potencializado dentro das escolas, permeado pelas relações, vivências e experiências de todos os indivíduos (pais ou responsáveis, estudantes e educadores) pertencentes ao contexto escolar.

5.2 O Olhar sobre Educação à Distância e Presencial

Dando continuidade às discussões que vêm sendo traçadas ao longo deste capítulo, a necessidade de formações constantes ao longo da trajetória docente dos professores é algo expresso nos discursos dos professores ouvidos para esta pesquisa. Apesar de alguns deles citarem que nem sempre conseguem participar ativamente, em sua grande maioria, afirmam considerar os processos de formação continuada inerentes ao ofício do professor.

Mas ao falarmos sobre formação, é bom lembrar de que existem diversas metodologias e modalidades. Dentre as modalidades, citamos as formações presenciais, as semi-presenciais e as formações à distância (EAD). Estas modalidades se aproximam em suas finalidades, mas distanciam-se em suas metodologias. Também, são distintas no que tange as suas especificidades, sendo que cada modelo pode atender melhor determinado público-alvo e região.

Segundo MOORE; KEARSLEY (2013), “educação a distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do ensino, o que requer comunicação por meio de tecnologias e uma organização instrumental especial. (p. 2)”, ou seja, a escolha de uma ferramenta tecnológica que permeie a comunicação e interações entre os participantes de um processo formativo à distância, deve ser pensada levando em consideração a sua usabilidade no que tange os níveis de conhecimento dos usuários, bem como as potencialidades no que diz respeito as atividades que foram planejadas para serem desenvolvidas.

Estas discussões vem ao encontro do que é relatado pelos professores das Escolas do Campo no segundo discurso coletivizado, conforme quadro 5.2. O mesmo aborda as potencialidades, necessidades e fragilidades em relação a participação em um processo formativo, neste caso, semi-presencial, que envolveram ações presenciais e à distância.

Na correria do dia dia muitas vezes é complicado participar de um processo formativo presencial, ainda mais quando se trabalha o dia inteiro, a semana inteira. É preciso ter tempo e disponibilidade. E a vantagem da formação presencial é o contato real, humano, olho no olho. A relação com o educador, com os colegas é totalmente diferente: muito mais rica, muito mais possibilitadora de trocas e esta relação nos permite expressar não só através de palavras, mas através de gestos e sentimentos. O pensamento, a reflexão e a resposta tem que ser muito rápido. Na formação a distância há mais tempo para reflexão de cada fala, materiais para leitura, e a oportunidade de expressão de todos os participantes. Nas formações na modalidade presencial, na minha visão, muitas pessoas acabam não expressando suas opiniões, visto que muitos falam num curto espaço de tempo. Por outro lado, flexibilidade de tempo e espaço e liberdade de produção e estudo possibilitam uma maior interação pelas plataformas. Em tempos corridos como o nosso ajuda bastante a praticidade de fazer as atividades da formação a qualquer hora e em qualquer local. Desta forma podemos responder quando temos tempo, refletir e elaborar uma resposta. A formação através do WhatsApp é interessante e totalmente diferenciada para mim. Considerei mais prática porque toda vez que alguém posta algo tu és alertado sobre isso. Mas também é mais fácil de perdermos o “fio da meada” porque se não lermos na hora em que recebemos a mensagem, vão acumulando-se muitas falas diferentes. O mundo é digital e é fundamental o professor se integrar ao mundo digital e explorar todas as suas potencialidades, pois essa é a realidade dos estudantes e, sendo assim, devemos fazer parte dela. O professor que não se atualizar será engolido pelo sistema. Eu gostaria de trabalhar com os alunos utilizando as tecnologias digitais, pois as mesmas permitem explorar possibilidades que antes seriam inviáveis. A formação de grupos do WhatsApp para comungar pontos de pesquisa, bibliografia e organização dos trabalhos também seria bem interessante. Iria estimular e facilitar esta formação. Eu considero uma excelente oportunidade, afinal nem sempre é fácil a disciplina que é exigida nesses tipos de processos, porque às vezes damos prioridade para outras atividades e deixamos para depois as atividades formativas. Ao longo do curso fui perdendo a conexão com as falas e o diálogo ficou extremamente difícil. O estudo solitário para mim é difícil. A modalidade presencial também é importante por poder expor e compartilhar ideias e pensamento diretamente com as pessoas de forma "direta" sem que o debate perca entre as postagens. Mesmo assim, acredito nesse meio como ressignificação das práticas e participei de todas as atividades, acompanhei os relatos e consegui me posicionar. Desta forma me senti mais a vontade para opinar e participar. Na modalidade presencial, o melhor é que conseguimos conversar olho no olho, mas acredito ser uma solução boa para continuarmos nos qualificando sem que houvesse a necessidade do deslocamento físico. Isso facilita a quem trabalha em escolas que não possuem professor substituto. Ter materiais em uma página da web, seria bom. Mesmo assim, foi gratificante, porque era um grupo grande de colegas e comentavasse várias situações.

Diante das necessidades dos processos formativos da atualidade, a Formação à Distância tem se mostrado como uma ferramenta útil na mitigação das dificuldades encontradas nos processos de Formação Presencial. Principalmente no que diz respeito às dificuldades em reunir os sujeitos participantes do processo formativo, acarretado pela falta tempo e distância de deslocamentos desde suas escolas e/ou residências até o local onde é oferecido a formação.

Como já foi dito anteriormente, a dificuldade de deslocamento por longas distâncias aliadas às extensas jornadas de trabalho dos educadores com carga horária de 60h de atividade semanal, acabam por dificultar ou até mesmo impedir a reunião de todos os professores durante um processo de formação.

A dificuldade em conciliar suas atividades na escola com as atividades da formação torna-se limitadora na disponibilidade de participarem dos cursos ofertados, segundo a fala dos professores pesquisados: “ [...] *Na correria do dia dia muitas vezes é complicado participar de um processo formativo presencial, ainda mais quando se trabalha o dia inteiro, a semana inteira. É preciso ter tempo e disponibilidade*” (DSC 2).

Com isto, podemos entender que a formação presencial talvez não seja a modalidade mais indicada ao tratar-se de um público-alvo com as características dos professores atuantes no Campo. Mas ela apresenta algumas vantagens que são expressadas durante a leitura do segundo discurso coletivizado. Podemos notar, através da leitura do excerto do DSC 2 a seguir, a importância que os professores dão ao contato humano.

“[...] a vantagem da formação presencial é o contato real, humano, olho no olho. A relação com o educador, com os colegas é totalmente diferente: muito mais rica, muito mais possibilitadora de trocas e esta relação nos permite expressar não só através de palavras, mas através de gestos e sentimentos” (DSC 2).

Talvez o contato presencial seja característica mais presente naqueles que atuam nos contextos do Campo, pois são tocados pelo modo de vida dos sujeitos que ali habitam e/ou pela compreensão da necessidade de valorizar a existência humana no processo educativo, bem como a presença de outras formas de expressão, além da fala e escrita.

A educação não é um processo individualizado e neutro. Conforme Freire (2007) a educação é um processo que demanda uma relação de compartilhamento de saberes entre os sujeitos e, que todos os saberes tem a sua importância. Sendo assim, levar em consideração os saberes provenientes das mulheres e homens que vivem no Campo para dentro de um processo de formação de professores, pode e deve ser o diferencial quando tratamos de uma formação voltada para quem atua diretamente nestes contextos.

Voltando a falar sobre a modalidade EAD, podemos dizer que esta apresenta algumas características apontadas no DSC 2 enquanto vantagens. Os professores relatam que ao não estarem frente a frente com os colegas, sentem-se mais a vontade para expressar as suas opiniões, conforme excerto do DSC 2: “ *nas formações na modalidade presencial, na minha visão, muitas pessoas acabam não expressando suas opiniões, visto que muitos falam num curto espaço de tempo*” (DSC 2).

A necessidade de tempo que contemple a reflexão sobre a temática que esta em debate foi expressado no DSC 2. Para além disto, foi destacada a praticidade de ter a possibilidade de realizar suas leituras, reflexões e interações a qualquer momento em que os professores tivessem disponibilidade, ajustando ao seu planejamento semanal.

Diante deste cenário, a possibilidade de estar em contato direto com os seus pares, mesmo que de forma virtual, foi considerado benéfico para este processo formativo, no intuito de compartilhar as suas experiências. Desta forma as distâncias tornaram-se praticamente irrelevantes. De acordo com (MOORE; KEARSLEY, 2013),

[...] distância é um fenômeno pedagógico, e não simplesmente uma questão de distância geográfica. Nesse processo, o aspecto mais importante é o efeito que a separação geográfica tem no ensino e na aprendizagem, especialmente na interação entre alunos e professores, sobre a concepção de cursos e sobre a organização dos recursos humanos e tecnológicos (p. 295).

Sendo assim, os aspectos que envolvem a interação entre os sujeitos que participaram no processo de formação ProfCAmpo sobrepõem-se às barreiras das distâncias geográficas, tornando-se objeto mais significativo do processo de formação.

Ao abordarmos a formação na modalidade semi-presencial, identificamos que é importante enquanto ferramenta útil no intento de mitigar as problemáticas encontradas por parte dos professores. Isso, pode minimizar as dificuldades em conciliar tempo de deslocamento com suas extensas jornadas de trabalho, possibilitando maior interação entre os educadores(as) da mesma ou de diferentes escolas.

Desta forma, segundo o que relatam os sujeitos da pesquisa ao longo do DSC 2, podemos dizer que em um processo semi-presencial estão aliados a velocidade na troca das informações, a facilidade de contato entre os pares e, a possibilidade de organização pessoal de seu próprio tempo por parte do sujeito em formação. Enquanto vantagens do encontro presencial, podemos citar o contato direto entre os pares, olho no olho, e a oportunidade de ver e ser visto, conforme a fala dos professores em formação, no excerto a seguir: “ (...) *A vantagem da formação presencial é o contato real, humano, olho no olho*” (DSC 2).

Encontrar meios de motivar os professores, buscando a sua participação ativa ao longo de um processo formativo, pode ser a chave para alcançar um panorama educacional que convirja com aquilo que queremos para o futuro da Educação do Campo em nosso país. Com professores motivados a buscar novos conhecimentos através da pesquisa, as salas de aula terão novos significados para os alunos e para toda comunidade escolar. E a formação de professores, contínua, ao longo da sua vida profissional, é um passo essencial para que isto aconteça.

5.3 O Olhar dos Professores sobre o ProfCampo

O ProfCampo surge enquanto uma proposta de formação continuada para os professores das Escolas do Campo da rede municipal de educação da cidade do Rio Grande, a qual tem por objetivo suprir uma lacuna encontrada pela própria rede municipal nos espaços formativos. A baixa participação nestas atividades por parte dos professores das Escolas do Campo, fez surgir o questionamento sobre qual seria a principal razão da não participação dos mesmos durante os processos formativos que são frequentemente oferecidos pela rede. Muitos dos professores da rede alegam dificuldade em conciliar suas jornadas de trabalho, que por vezes ocorrem em mais de uma escola, com a

programação das atividades. Em especial os professores atuantes nas Escolas do Campo, que alegam como grande dificultador as longas distâncias que separam as suas escolas e a sede da rede, onde geralmente são ofertadas as formações.

Partindo disto, o ProfCampo foi pensado em um formato que pudesse promover a interligação entre todos os professores participantes do processo formativo, (nesta primeira edição participam os professores dos Anos Finais das três Escolas do Campo) e os professores formadores em um ambiente virtual, a fim de mitigar as dificuldades que as distâncias geográficas impõem.

Embasados terceiro discurso coletivizado a seguir, o qual aborda as impressões e experiências que os professores participantes do ProfCampo tiveram ao longo deste processo formativo, pudemos identificar que foi uma proposta bem aceita por seus participantes, visto que, suas falas trazem relatos positivos e ponderações no sentido de qualificar este processo.

Quadro 5.3: DSC 3 - O Olhar dos Professores sobre o ProfCampo

Um projeto inovador e desafiador, um elo entre Escolas Rurais, práticas, projetos e experiências. Interessante, visto ser um novo meio de gerar interação e a possibilidade de fazer em grupo discutir assuntos do cotidiano com os colegas, conhecer a realidade de outras escolas. Praticidade no tempo e espaço da participação e troca entre escolas de realidades parecidas. Desta forma, foi uma excelente oportunidade de conhecer as ações e expectativas de todos e refletir sobre a prática pedagógica, trocar ideias, etc. O tema não se desvirtua. A liberdade e tempo para responder, conhecer outros colegas, outras escolas, fora todo o aprendizado, deram a oportunidade de manifestar as minhas contribuições por meio deste curso, pois a comodidade de ler os comentários dos colegas e fazer os meus quando tinha tempo, nos permitiu adentrar em conhecimentos sobre Escolas do Campo, revisitar nosso PPP e visualizar outras realidades dentro do Campo. Enquanto as questões eram individuais participei ativamente, quando houve necessidade de discuir com o grupo, não tive apoio e acabei não respondendo. Algumas pessoas não participaram, e senti falta de contato com os interlocutores e de interação entre as escolas participantes. Talvez precise ser dividido mais em encontros presenciais e a distância, em uma época do ano com menos atividade pois o período em que a formação aconteceu e acabou sendo visto pela maioria como algo a mais. Deveria ser realizado num período de início de ano letivo onde teríamos mais tempo para nos organizarmos na escola. Uma excelente proposta de formação e iniciativa. Podendo ser aprimorada, quem sabe, para um grupo que daria muito certo, se o processo de formação não fosse majoritariamente virtual, mas uma oportunidade de integrar todas Escolas do Campo.

O ProfCampo proporcionou para as Escolas do Campo novas possibilidades de interações e compartilhamento de saberes. Segundo excerto a seguir, nas próprias palavras dos professores em formação, o ProfCampo é *“um projeto inovador e desafiador, um elo entre Escolas Rurais, práticas, projetos e experiências. Interessante, visto ser um novo meio de gerar interação e a possibilidade de fazer em grupo discutir assuntos do cotidiano com os colegas, conhecer a realidade de outras escolas”* (DSC 3).

Os professores que participaram desta proposta formativa tinham o anseio por conhecer a realidade vivenciada nas outras Escolas do Campo e, estar em contato direto com os demais colegas, mesmo que virtual, foi de grande valia em relação à reflexão sobre as suas práticas e metodologias de ensino. Como cada contexto tem as suas especificidades, por vezes pode-se não ser levado em consideração as situações que se assemelham. O compartilhamento de experiências quebra com diversos “preconceitos” que mesmo os professores atuantes no Campo podem ter.

E para além disso, um processo formativo desenvolvido a partir das demandas dos próprios professores é bem mais significativo, principalmente quando se parte da premissa que formação não é treinamento (Imbernón, 2010). Ainda segundo o autor,

o tratamento da formação como um problema genérico ocasionou um sistema de formação *standard*, baseado em um modelo de treinamento. Muitos professores estão acostumados a assistir cursos e seminários em que o palestrante é o especialista que estabelece o conteúdo e o desenvolvimento das atividades. (IMBERNÓN, 2010, p. 54)

A ruptura deste paradigma, torna-se necessário para alcançar um modelo de formação participativa, onde os sujeitos formadores e em formação, possam interagir de forma horizontal, ressignificando aquilo que já está estabelecido e produzindo novos saberes. Desta forma, a metodologia utilizada ao longo do ProfCampo foi pensada para que os professores em formação fossem atuantes desde a criação até o desenvolvimento das atividades do ProfCampo.

O tempo foi uma questão muito presente durante todo o processo. O mesmo ganha destaque no terceiro discurso coletivizado, sendo que o

professores participantes dizem que as atividades desenvolvidas no modelo virtual possibilitou a eles tempo hábil para a sua reflexão e participação nas discussões em grupo. No excerto a seguir, afirmam que este espaço também foi uma valiosa oportunidade para conhecer as ações desenvolvidas nas outras escolas e debater-las com os demais colegas a fim de não desvirtuar os assuntos que estão sendo trabalhados em determinado momento.

“ Praticidade no tempo e espaço da participação e troca entre escolas de realidades parecidas. Desta forma, foi uma excelente oportunidade de conhecer as ações e expectativas de todos e refletir sobre a prática pedagógica, trocar ideias, etc. O tema não se desvirtua. A liberdade e tempo para responder, conhecer outros colegas, outras escolas, fora todo o aprendizado, deram a oportunidade de manifestar as minhas contribuições por meio deste curso, pois a comodidade de ler os comentários dos colegas e fazer os meus quando tinha tempo, nos permitiu adentrar em conhecimentos sobre Escolas do Campo, visitar nosso PPP e visualizar outras realidades dentro do Campo” (DSC 3).

A liberdade de tempo para poder pensar sobre a sua prática, sobre o que está sendo debatido no grupo e a oportunidade de poder expressar as suas opiniões foi outra questão trazida no DSC 3. Nas palavras dos próprios professores “a comodidade de ler os comentários dos colegas e fazer os meus quando tinha tempo”, foi potencializador deste processo formativo.

Mas como em todo e qualquer processo formativo existem os pontos positivos relacionados àquilo que ocorreu da forma esperada atendendo as expectativas do que tinha sido proposto. Por outro lado, foram apontados também os pontos negativos, ou seja, as fragilidades relacionadas àquilo que necessita atenção e reflexão no sentido da sua melhoria, repensadas para uma nova oferta.

No DSC3 os professores em formação relatam que durante o desenvolvimento das atividades encontraram algumas dificuldades de interações entre si. Como já foi dito anteriormente, o ProfCampo foi pensado e desenvolvido em módulos, e cada módulo compreendia uma série de atividades relacionadas com as temáticas que foram propostas pelos próprios professores das Escolas do Campo. E para o desenvolvimento destas atividades, em determinado momento, os mesmos deveriam se reunir no intuito de acessar o PPP e Regimento das suas escolas e, a partir da leitura e

reflexão sobre estes documentos, deveriam expor as suas opiniões sobre as problematizações feitas pelos professores articuladores.

“ Enquanto as questões eram individuais participei ativamente, quando houve necessidade de discuir com o grupo, não tive apoio e acabei não respondendo. Algumas pessoas não participaram, e senti falta de contato com os interlocutores e de interação entre as escolas participantes” (DSC 3).

No excerto anterior os professores relatam que o desenvolvimento das atividades individuais decorreu de forma tranquila, porém, ao tentar reunir-se com os demais colegas no intuito de executar as atividades coletivas, sentiram falta de uma maior participação por parte dos grupo, o que, por vezes, acabou desestimulando-os para a continuidade da atividade. Devido a não participação de alguns colegas, houveram determinadas lacunas ao longo de todo o processo e isto foi identificado pelos professores em formação com fator dificultador, pois o mesmos sentiram falta de interações mais frequentes entre professores em formação e articuladores. Isto vem ao encontro do que Nóvoa (2013) diz sobre a convivialidade nos processos educativos.

hoje sabemos que não é possível reduzir a vida escolar às dimensões racionais, nomeadamente porque uma grande parte dos atores educativos encara a convivialidade como um valor essencial e rejeita uma centração exclusiva nas aprendizagens académicas. (NÓVOA, 2013, p.14)

Podemos, então, trazer para o nosso contexto, a descentralização do modelo academicista de aprendizagem, o que permitiu a presença marcante das vivências dos professores ao longo de todo o processo de formação. Sendo assim, a partir do DSC 3 podemos entender que, enquanto processo piloto, o ProfCampo atendeu grande parte das expectativas dos seus participantes.

Durante o discurso coletivizado, foram levantadas questões sobre alterações no modelo em que o ProfCampo se apresenta, sinalizando a possibilidade de um maior número de encontros presenciais e, principalmente, alterações relacionadas ao período em que ocorreram as atividades de formação.

O período próximo do final do ano letivo é bastante crítico em relação as atribuições dos professores em sala de aula e demais atividades docentes, conforme a fala dos próprios professores: *“em uma época do ano com menos atividade pois o período em que a formação aconteceu e acabou sendo visto pela maioria como algo a mais”* (DSC 3). Isto pode ter sido fator problematizador no que tange a adesão e participação dos professores das Escolas do Campo.

No sentido de qualificar o ProfCampo, os mesmos relatam que uma proposta de formação realizada logo no início do ano letivo, poderia integrar-se melhor ao calendário de atividades da escola, possibilitando a participação mais expressiva por parte dos professores, realizando uma formação em serviço.

Por fim, os sujeitos que participaram ao longo de todas as etapas deste processo formativo, os quais contribuíram na construção destes discursos coletivizados, relatam que o ProfCampo foi uma importante iniciativa de proposta pedagógica voltada aos profissionais que atuam nos contextos do Campo. Além disto, sugeriram que a partir de algumas modificações e ajustes no intento de qualificar o processo, o mesmo pode potencializar a integração das Escolas do Campo e seus sujeitos.

Deste modo, no próximo capítulo, traremos algumas considerações sobre os resultados encontramos neste trabalho, resgatando a nossa questão de pesquisa e objetivo.



Considerações Finais

*“Não é na resignação, mas
na rebeldia em face das
injustiças que nos
afirmaremos”.*

Paulo Freire.

Considerações finais

Nos espaços onde se desenvolve a educação, dentre inúmeras temáticas, a formação de professores é bastante recorrente. Mesmo em um mundo cada vez mais instrumentalizado pelas tecnologias digitais, os professores mantêm o seu papel principal nos processos de ensino e aprendizagem. Diante disto, torna-se necessário que a formação de professores seja subsidiada por metodologias que aportem novas propostas e, que estejam lado a lado com as novas formas em que os sujeitos relacionam-se entre si e com a sociedade.

A presente pesquisa, teve por objetivo **“Identificar as potencialidades do ProfCampo enquanto espaço formativo semi-presencial para os professores dos anos finais das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS)”**. Neste sentido, balisamos nossa trajetória com o objetivo de, através da produção e da análise dos dados ao longo deste trabalho a fim de compreender **quais as contribuições do ProfCampo para a formação de professores dos anos finais do ensino fundamental das Escolas do Campo da cidade do Rio Grande (RS)**.

Neste caminho, nos capítulos deste trabalho, adentramos nas temáticas da Educação do Campo sob uma perspectiva da Educação Popular, a qual visa a valorização dos saberes provenientes das mulheres e homens do Campo no que tange a sua emancipação a partir de novas oportunidades, incluindo o Campo na sociedade instrumentalizada tecnologicamente.

Na continuidade, a partir de uma análise do panorama atual sobre a produção científica brasileira sobre formação de professores e tecnologias digitais, delimitamos mais nosso caminho, em direção a produção de conhecimento, tão necessária atualmente em nosso país. Nossa abordagem dá-se por meio da pesquisa qualitativa, a qual apresentou-se enquanto melhor caminho metodológico.

Para a produção dos dados, a escolha pelos questionários eletrônicos do *Google Forms* permitiu que os sujeitos investigados tivessem a oportunidade de participar de maneira a não requerer tempo extra, nem demandar o descolamento por parte dos mesmos. Como resultado das respostas dos questionários, transcrevemos os fragmentos de todas as

respostas e em seguida, operamos a técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo, com a finalidade de obter o discurso de um “eu coletivo”, o qual viabiliza um pensamento social.

Por fim, a partir das análises dos três discursos que emergiram do processo de produção dos dados (“A Formação sob o Olhar dos Professores”, “O Olhar Sobre Educação à Distância e Presencial” e “O Olhar dos Professores Sobre o ProfCampo”), podemos fazer algumas considerações.

Embora a formação de professores seja um processo constante e contínuo, fica enquanto sugestão dos próprios professores que participaram da pesquisa que, a execução de propostas deste tipo ocorram logo no primeiro semestre letivo. Isto devido a organização escolar e, a carga de trabalho dos professores que tende a aumentar nos períodos finais do ano letivo.

Outra questão levantada foi que o compartilhamento de saberes e experiências, contribui para o movimento de aprendizado entre pares. Quando nos enxergamos nas ações do outro, seja no desenvolvimento de um trabalho exitoso ou, até mesmo em um momento de dificuldade, promove a empatia e o sentimento de que não estamos sozinhos. E isto, conforme os discursos dos sujeitos pesquisados, é algo bastante positivo, principalmente nos espaços escolares.

O contato que o ProfCampo promoveu entre as três Escolas do Campo participantes da proposta formativa, possibilitou, sob a ótica dos seus professores, muitas aprendizagens. Possibilitou pensarem em novos projetos e atividades pedagógicas, partindo das experiências que tiveram ao longo desta formação.

O tempo é algo que mostrou-se presente nos discursos coletivos dos professores investigados. Demonstraram preocupações acarretadas pela distância geográfica (devido a necessidade de deslocamento para participação em formações presenciais) e outros pela carga horária de trabalho (a qual, por vezes, inviabiliza a sua participação em atividades formativas de variadas modalidades). A cultura da formação presencial ainda perpassa o pensamento dos sujeitos pesquisados. Em seus discursos coletivos citam a necessidade de estar em contato direto com outros educadores, olho no olho, como fator positivo das formações presenciais. Embora que, conforme dados da

Secretaria de Município da Educação, a grande maioria dos professores não participa ativamente das atividades formativas ofertadas.

A importância de discutir, entre pares, a concepção de Educação do Campo, também foi citado nos discursos coletivos. Mesmo atuando em contextos do Campo, o qual apresenta as suas especificidades que, por sua vez, demandam abordagens que contemplem as mesmas, alguns professores ainda reproduzem nas Escolas do Campo as mesmas estratégias utilizadas nas escolas urbanas.

Os discursos apontam para um olhar para a cultura local, a identidade da comunidade, uma preocupação com a formação crítica dos educandos. Embora sendo realidades distintas, existem muitos pontos em comum entre as três comunidades onde localizam-se as Escolas do Campo participantes do ProfCampo.

A proposta formativa foi considerada dinâmica e inovadora no que tange as atividades propostas pela rede municipal de ensino. Devido ao fato de que o meio virtual promoveu um espaço mais intimista e proporcionou a possibilidade de fala à todos os seus participantes, surgiu a demanda por mais tempo para as discussões em grupo. O meio virtual promoveu também que os professores participantes pudessem organizar o seu tempo conforme as suas atividades diárias, a fim de que tivessem tempo para as interações e realização das atividades individuais. Em relação as atividades em grupo, houve uma certa problemática entre os participantes ao tentarem juntar-se para a realização das mesmas.

Outro destaque importante, fica por conta do contato com as novas tecnologias digitais e a sua aproximação com as teorias da Educação do Campo. Os professores sentiram-se entusiasmados ao poder compartilhar com as demais escolas, parte da sua rotina diária de trabalho, ao mesmo tempo em que conheciam as realidades das outras escolas, os aspectos semelhantes e diferentes que permeiam as Escolas do Campo em diferentes contextos.

Os professores sinalizaram a vontade de uma maior interação por parte dos articuladores do ProfCampo pois, por vezes, sentiram-se perdidos quando as mensagens do software WhatsApp acumulavam-se devido as muitas interações. Ao mesmo tempo, afirmaram ser esta uma modalidade de formação semi-presencial interessante enquanto nova estratégia de formação, pois estes

movimentos motiva-os a buscar novas ferramentas para potencializar o seu fazer pedagógico dentro das suas salas de aula.

Por fim, os professores pesquisados apontam as tecnologias digitais presentes no dia-a-dia das pessoas, como um importante campo a ser explorado, visando a presença destas tecnologias em diversas esferas da sociedade. Isto pode tornar-se o ponto inicial de novas descobertas no sentido de cada vez mais qualificar a formação de professores atuantes nas Escolas do Campo, não somente em nossa cidade, mas em todo o país.

Referências

ABREU, M. V. **Formação de educadores:** em busca de alternativas. Veranópolis: ITERRA/UERGS, 2006.

AMADOR, Z.; BENTES, N. **Raça Negra: a luta pela liberdade.** 3ª ed. rev. e amp. Belém: FCPTN, 2005.

ANDRADE, M. C. As tentativas de organização das massas rurais - As Ligas Camponesas e a sindicalização dos trabalhadores do campo (1963). In: WELCH, C. A. [et al]. (Orgs). **Camponeses brasileiros:** leituras e interpretações clássicas. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

ARROYO, M.G. **A escola e o movimento social:** relativizando a escola. Revista da ANDE, São Paulo, n. 12, 1989.

BARBOSA, L. P. Diálogo de Saberes en la construcción del conocimiento: aportes de la praxis educativo-política de los movimientos sociales en América Latina. Hemisferio Izquierdo, ago. 2016. Disponível em: <<https://www.hemisferioizquierdo.uy/single-post/2016/08/02/Diálogo-de-Saberes-en-la-construcción-del-conocimiento-aportes-de-la-praxis-educativopolítica-de-los-movimientos-sociales-en-América-Latina>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BEGNAMI, J. B. Pedagogia da Alternância como sistema educativo. **Revista da Formação por Alternância.** Brasília: UNEFAB, 2006, n. 3. p. 24-47.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular.** Col. Primeiros Passos. nº 20, São Paulo: Brasiliense, 2012

BRASIL. Portaria nº 10/1998. Institui o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. 1998.- Disponível em: http://www.incra.gov.br/imagens/phocadownload/reforma_agraria/projetos_e_programas/educacao_no_campo_pronera/programa_nac_educacao_reforma_agraria.pdf. Acesso em: 03 jan. 2018.

BRASIL. MEC. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA/CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas

do campo. Resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril de 2002. Brasília-DF: MEC/SECAD/CNE.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 5 nov. 2010.

CALDART, R. S. **Pedagogia do movimento Sem-Terra**. Petrópoli: Vozes, 2000.

_____, R. S. **Pedagogia da terra: Formação de identidade e identidade de formação**. Cadernos do ITERRA, 6(2), 77-98, 2002.

_____, R. S. Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna. JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de (org.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, n. 5, 2004.

CAMINI, I. **Escola Itinerante** – na fronteira de uma nova escola. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. (Apostila do curso de especialização).

CLARO, L. C. **Horizontes compreensivos da educação ambiental do campo: contribuição às outridades do campo** / Lisiane Costa Claro. – 2018.

CORRY, S. Guardianes de la tierra sagrada. In: **Revista Especial da Survival Internacional**. Londres, 1994.

CORTES, S. M. V. **Técnicas de coleta e análise qualitativa dos dados**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 11-47, 1998.

DEMO, P. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Desafios modernos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Pesquisa: Princípio científico e educativo**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ESTEVAM, D. O. **Casa Familiar Rural: a formação com base na Pedagogia da Alternância**. 2003. 126 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

DUARTE, S. J. H.; MAMEDE, M. V.; ANDRADE, S. M. O. de. **Opções Teórico- Metodológicas em Pesquisas Qualitativas**: Representações Sociais e Discurso do Sujeito Coletivo. Revista Saúde e Sociedade – USP. São Paulo, v. 18, n. 4, p. 620-626, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/06.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FERNANDES, B.M.; CERIOLI, P.; CALDART, R. S. Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo. In: ARROYO, M.G; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 19-62.

FONEC. **Notas para análise do movimento atual da Educação do Campo**. Brasília, DF: 2012. Disponível em <http://www.unefab.org.br/2012/08/seminario-do-fonec-discurte-educacao-do.html#.VbazDrNVikp>. Acesso em: 03 jan. 2018.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Trad. de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 31.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____,P. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

_____, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

GARNICA, A. V. M. **Um ensaio sobre as concepções dos professores de matemática**: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n.3, p. 495-510, set./dez. 2008.

GEBARA, I. **Cultura e Relações de Gênero**. São Paulo: CEPIS, 2000

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. – 3. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

GIMONET, J. C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e Orientação. In: **Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento**, 1., 1999. Anais. Salvador: UNEFAB, 1999, p. 39-48.

HILL, M. M; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. 2. Ed. – Lisboa: Edições Sílabo Lda, 2005.

Imbernón, F. **Formação continuada de professores** / Francisco Imbernón ; tradução Juliana dos Santos Padilha.– Porto Alegre : Artmed, 2010

ITERRA. **Pedagogia da terra**. Cadernos do Iterra, Veranópolis, RS, ano 2, n. 6, p. 07-81, 2002.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2015.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul: EdUCS, 2005.

LEITE, S.C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LÉVY, P. **A máquina universo**. Porto Alegre: ArtMed, 1998;

LIBÂNEO, J. C. A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. In: COSTA, M. V. (Org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. P. 23-50.

MAGALHÃES, M. S. **Escola Família Agrícola: uma escola em movimento**. 2004. 126 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas da pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed., 8. reimpressão. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

MELIÁ, B. **Conferência “Bilinguismo e Leitura”**, 10º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, ALB/UNICAMP, Campinas, 1995.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MOORE. M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MUNIZ, R. Trilha. **Projeto de Pesquisa do Curso de Pedagogia FAHESA/ITPAC**. Aprovado pelo Comitê de Ética da Fundação de Medicina Tropical. Araguaína, Tocantins, 2008.

NEVES, C. E. B.; CORRÊA, M. B. Apresentação. In: _____ (Orgs.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Porto Alegre, 1998, p. 8. (Cadernos de Sociologia).

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992.

_____, (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2013

OLIVEIRA, M. B. F. de. **Revisitando a formação de professores de língua materna: teoria, prática e construção de identidades**. Revista Linguagem em (Dis)curso, v. 6. N. 1 jan./abr.2006

PRETI, O. (Org.). **Educação a Distância: Sobre discursos e práticas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

RIBEIRO, M. **Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: Projetos em disputa**. Educação e Pesquisa, 34(1), 27-47, 2008.

_____,. **Desafios postos à educação do campo**. Revista HISTEDBR on-line, Campinas, SP, n.50 (especial), p. 150-171, mai. 2013. Disponível em <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/viewFile/5478/4381>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

SALLES, V. **O negro no Pará sob o regime de escravidão**. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SANTOS, C. A. **Educação do campo e políticas públicas no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais do campo na instituição de políticas públicas e a licenciatura em educação do campo na UnB**. Brasília, DF: Líber Livro; Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, 2012 a.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____, . **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. - . ed. 7. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012 b.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SIQUEIRA, L. M. Ancestralidade e Contemporaneidade de Organizações de Resistência Afro- Brasileira. In: COSTA, Eliezer Arantes da. **Gestão Estratégica**. São Paulo: Saraiva, 2003.

SOUZA, M. A. **Educação do Campo. Propostas e práticas pedagógicas do MST**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Pesquisa sobre a Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo - ProfCampo

Este questionário faz parte do estudo sobre as possíveis contribuições do ProfCampo para a Formação Continuada das Escolas do Campo de Rio Grande, de autoria de Vagner Viera de Souza. Desta forma, as questões a seguir referem-se às atividades desenvolvidas na Proposta de Formação Continuada para a Educação do Campo - ProfCampo, na qual foram participantes os (as) professores (as) das Escolas do Campo que ofertam os Anos Finais da SMEd. Este questionário subdivide-se em duas partes. A primeira refere-se a questões diretamente ligadas ao sujeito entrevistado, com a finalidade de traçar o seu perfil. A segunda parte refere-se às atividades do ProfCampo.

Todas as questões são dissertativas devido a importância das suas contribuições através de suas respostas. Desta forma, convidamos você a responder-las com tranquilidade e atenção, garantimos que a sua identidade será mantida em absoluto anonimato e, desde já, agradecemos pela sua disponibilidade.

* Required

1. **Email address ***

2. **Para iniciarmos este questionário, diga-nos o seu nome**

3. **Qual a sua formação? (graduação, pós-graduação, etc.) ***

4. **Qual a sua motivação para escolher a carreira do magistério? ***

5. **Você costuma participar dos processos de Formação Continuada que são ofertados pela rede? Justifique. ***

6. Para você, qual a importância da Formação Continuada? *

As questões a seguir referem-se ao ProfCampo

7. Você tem familiaridade com as tecnologias digitais? Costuma utilizá-las em suas atividades docentes? *

8. Você já participou de outro processo formativo na modalidade não presencial? Conte-nos sobre como foi a sua experiência. *

9. Quais as diferenças que você poderia elencar entre um processo de Formação Continuada na modalidade presencial e um na modalidade não presencial? *

10. Sobre o ProfCampo, quais os pontos positivos e quais os pontos negativos que você observou? *

11. Sobre o uso do WhatsApp, você já havia pensado sobre alguma utilização pedagógica para este recurso? (Quais?) *

12. Ao longo das atividades do ProfCampo, você utilizou o WhatsApp em seu celular ou na versão web? (pela navegador do computador) *

13. Como você descreveria a sua experiência neste processo formativo virtual? *

14. Na sua opinião, qual a importância das Tecnologias Digitais para a Formação Docente? *

15. Como você descreveria o ProfCampo? *

Apêndice II – Instrumentos de Análise de Dados

Expressões Chave	Ideias Centrais	Ancoragens
<p>Sim, acredito que nesses momentos podemos sempre aprender e nos atualizar, além disso, acredito que os professores precisam estar em constante estudo. Também, penso que nesses espaços através da troca com iguais podemos aprender. Fundamental e imprescindível. Sim, utilizo muito nas minhas atividades como gestora e auxílio na utilização a todos que necessitam dentro da escola. Fiz uma especialização e estou cursando outra, penso que a praticidade de fazer em qualquer hora e qualquer local é ótima, por isso também acaba às vezes atrapalhando, porque às vezes damos prioridade para outras atividades e deixamos para depois as atividades formativas. Flexibilidade de tempo e espaço e liberdade de produção e estudo na não presencial e na presencial é preciso ter tempo e disponibilidade. Negativo: a época do ano que foi lançada a proposta, muitas atividades na escola nesse período, dificultando a participação e o estudo mais aprofundado. Positivo: praticidade no tempo e espaço da participação e troca entre escolas de realidades parecidas. Não, só aviso no grupo da escola o que se aproximaria, no entanto, não pedagógico. Somente celular. Bom, porém acho que eu poderia ter contribuído mais e me engajado mais nos temas, pela falta de tempo penso que não foi possível. Muito importantes, pois isso faz parte da vida de todos, principalmente na vida dos nossos alunos. Um projeto inovador e desafiador, que talvez precise ser dividido mais em encontros presenciais e a distância, em uma época do ano com menos atividade, talvez no primeiro semestre letivo.</p>	<p>Potencialidades Formação EAD</p> <p>Fragilidades Formação EAD</p> <p>Geral Formação EAD</p> <p>Potencialidades ProfCampo</p> <p>Fragilidades ProfCampo</p> <p>Geral ProfCampo</p> <p>Importância da Formação de Prof</p> <p>Resultados da Formação de Prof</p> <p>Concepção de Formação de Prof</p> <p>Concepção de Formação de Prof do Campo</p> <p>Utilização de Tecnologias Digitais</p> <p>Sobre Formação Presencial</p>	

<p>Sim acredito que devemos estar sempre discutindo educação. De extrema importância pois nos coloca sempre em contato com os assuntos atuais e importância para nossa profissão. Sim trabalhei muito com as mídias com meus alunos. Agora fazendo parte de gestão não trabalho tanto. Trabalhei como professora e tutora no curso de pós graduação especialização em história do RS ofertado pela furg através da USB. Acredito que a disponibilidade das formações não presenciais possibilitam uma maior interação pelas plataformas. Em tempos corridos como o nosso ajuda bastante. Pontos positivos a interação e a possibilidade de fazer em grupo discutir assuntos do cotidiano com os colegas, conhecer a realidade de outras escolas. Negativo a falta de interação entre as escolas participantes. Havia pensando dentro de um projeto de educação patrimonial onde as crianças trocam imagens do que elas mais valorizam nos seus bairros. Mas para a formação nunca. Na versão web. Curioso e fácil pois podia participar a qualquer momento em qualquer lugar. De extrema importância para os dias atuais onde vivemos correndo contra o tempo. E onde nossos alunos estão cada vez mais imersos nesse mundo. Uma excelente proposta de formação.</p>		
<p>Sim, sempre que possível. Acho muito importante compartilhar saberes, continuar estudando. Eu considero uma excelente oportunidade. Porque, infelizmente, o excesso de trabalho nos faz colocar em último plano as formações, cursos, oferecidos pelas faculdades comuns. Sim. Com os meus alunos sempre faço uso. Grupo de whats para leitura de livros, troca de informações; pesquisa na internet, etc. Já. Estou</p>		

<p>sempre fazendo algum curso pela ferramenta da internet. Nem sempre é fácil a disciplina que é exigida nesses tipos de processos, mas acredito ser uma solução boa para continuarmos nos qualificando.</p> <p>Se eu pudesse faria todos somente de forma presencial, porque a relação com o educador, com os colegas é totalmente diferente: muito mais rica, muito mais possibilitadora de trocas e relações, por outro lado ter opções sobre o próprio tempo que será investido em estudos, fazer isso no conforto da sua casa e talvez estudar mais do que se precisasse se deslocar também são fatores positivos. Essa modalidade no whats é totalmente diferenciada para mim. Considerei mais prática, porque toda vez que alguém posta algo tu és alertado sobre isso, mas também mais fácil de perdermos o “fio da meada” porque se não lemos na hora que recebemos vai acumulando muitas falas diferentes. Nunca havia pensado. É interessante, embora eu considere que se fosse aliado a um outro recurso, como também ter materiais em uma página da web, seria bom. Somente celular. Ao longo do curso fui perdendo a conexão com as falas, talvez pelo tempo de final de ano, com muito serviço na escola. Então, percebi que deixar para ler várias postagens juntas não dá muito certo. Entretanto, parabêniso a iniciativa e gostaria de participar de outras oportunidades. Totalmente importante. As tecnologias digitais fazem parte da vida como um todo, não há como não utilizá-las. Excelente iniciativa. Podendo ser aprimorada. E talvez um encontro presencial de início ou finalização do curso seria interessante porque enriqueceria as relações e os conhecimentos.</p>		
Quase sempre. Ainda ha pouca		

<p>formação. Atualização, discussão e troca de ideias. A estrutura ainda é carente em minha escola. Tenho familiaridade e gostaria de trabalhar com os alunos. Nunca participei. Seria inviabilizada minha participação numa formação presencial. Tive a oportunidade de manifestar as minhas contribuições por meio deste curso. Positivos: Conhecer a realidade e o trabalho de outras escolas rurais, refletir sobre a prática pedagógica, trocar ideias... Negativo: período de realização do projeto no final do ano letivo. Não. Celular. Foi positiva. Confesso que me senti mais a vontade para opinar e participar. É uma inovação que permite explorar possibilidade que antes seriam inviáveis, como o Prof Campo. Como uma oportunidade para formação continuada para professores das séries finais do campo que não tem como fazê-la no modo presencial. Uma formação para fazer um elo entre escolas rurais, práticas, projetos e experiências.</p>		
<p>Sim, tanto os da minha área de atuação como professor quanto os que são voltados à área de coordenação pedagógica. Não podemos ser soberbos acreditando que já sabemos tudo e que não temos nada para aprender com outros colegas nestes eventos. Também temos o que compartilhar, práticas, métodos e experiências que podem ser de grande valia para outros colegas. Como citei acima, a troca de experiências, ideias, conhecimento. O aprendizado, a oxigenação e reflexão da nossa prática são os grandes frutos das formações. Sim, entretanto não utilizo com frequência pela falta de equipamentos em condições mínimas de uso disponíveis. Não, esse foi o primeiro. A comodidade da modalidade não presencial. Pois</p>		

te permite refletir mais sobre um tema proposto, responder em casa, sem pressão, descansado. Na correria do dia dia muitas vezes é complicado participar de um processo formativo presencial, ainda mais quando se trabalha o dia inteiro, a semana inteira... o que mais se quer é chegar e descansar, fazer uns exercícios, curtir a família e não ver mais professores e discutir os problemas de sempre sem nunca chegarmos a nenhuma conclusão, tomar um cafezinho, voltar ao blá blá blá e ir embora. A modalidade presencial não é de todo ruim, como já falei em outra resposta, se aprende muito nas formações presenciais, mas a modalidade não presencial permite um maior cuidado antes de responder e o tema não se desvirtua. A única vantagem da presencial é o contato real, humano, olho no olho. Pontos positivos: o tema não se desvirtua. Liberdade e tempo para responder, conhecer outros colegas, outras escolas, fora todo o aprendizado. E por último, mas não menos importante, o certificado de 100 horas. Pontos negativos: o grupo pareceu meio abandonado nos dois últimos módulos, acredito que isso tenha ocorrido pelo fato do assunto ter sido muito chato. PPP e Plano de Ação são importantes mas são cansativos e entediantes. Deveríamos ter falado sobre eles sim, mas deveriam ter colocado de um modo que fosse menos aborrecedor. As respostas ficaram robotizadas, desinteressantes, tanto que não gerou um debate sequer. Acho que isso deve ser repensado para o próximo. Falar de documentos importantes? Ok. Mas vamos dar um jeito de ser menos formal para os comentários não fiquem tão rígidos e chatos. Não, do Whatsapp não, mas do youtube

<p>já. Gravar um curta com os alunos e postar ali. Só no celular. Boa experiência. O mundo é digital, não podemos fugir disso e nem voltar atrás, o professor que não se atualizar será engolido pelo sistema. Muito bom, principalmente por ser uma primeira vez, primeira tentativa, parabéns aos envolvidos por todo o esforço e dedicação.</p>		
<p>Não costumo, pois sempre tenho que chegar atrasada ou sair mais cedo do evento para retornar à escola. Além da cobrança por parte da direção de que não há professores para substituir nossa ausência em sala de aula. É fundamental para trocar ideias e enriquecer a prática docente. Sim, utilizo a lousa digital, celulares (meu e dos alunos) e vídeos aulas. Não havia participado até agora. As formações na modalidade presencial, na minha visão, muitas pessoas acabam não expressando suas opiniões, visto que muitos falam num curto espaço de tempo. Claro que existe a troca mais efetiva, laços se estreitam. Mas na formação a distância há mais tempo para reflexão de cada fala, materiais para leitura, e a oportunidade de expressão de todos os participantes. Não acredito que as opiniões caiam em um esquecimento. Acredito que com a grande carga horária dos professores, formação a distância é mais válida que presencial. Positivos: que todos querem fazer a diferença em suas escolas, que existe uma preocupação com a formação dos alunos. Negativos: que existem muitas dificuldades para atingir esse objetivo, que não temos uma formação voltada para as peculiaridades desses alunos, desenvolvemos, conforme as necessidades, modalidades de ensino conforme nossas capacidades. Não! Sempre no</p>		

<p>celular. Enquanto as questões eram individuais participei ativamente, quando houve necessidade de discuir com o grupo, não tive apoio, acabei não respondendo. Atualmente são muito importantes, para manter o aluno envolvido pelos conteúdos abordados. Dinâmico, atraente e com ótimas trocas entre os pares.</p>		
<p>Sim, sempre que tenho horário disponível. Essencial no aperfeiçoamento profissional. Sim. Não. Não presencial podemos responder a qualquer momento ou quando tivermos tempo disponível. Gostei muito dos moldes desse processo. Prático, dinâmico, e um excelente aprendizado. Não, mas adorei usar. Celular. Para mim foi muito útil, pois aprendi a usar essa ferramenta que é o watsapp como ferramenta pedagógica. Precisamos nos atualizar sempre e a tecnologia faz parte do processo. Ótimo aprendizado e ótimas reflexões</p>		
<p>Sim. Sempre fui dispensada para as reuniões de formação e cursos que quis. Acredito que nunca estamos prontos, há sempre o que refletir e buscar aperfeiçoar. E as formações geralmente fazem isso, nos sacodem para continuar buscando algo mais. Acho maravilhoso quando podemos trocar experiências entre os professores, buscar apoio, saber que não estamos sós. Sim. Não. Somente semi presencial em que as atividades eram realizadas através da Plataforma Moodle da FURG. A modalidade presencial nos permite expressar não só através de palavras, mas de gestos, sentimentos. Por outro lado, o pensamento, reflexão e resposta tem que ser muito rápido. Fácil para quem domina a arte de falar em público. E isto não condiz à maioria das pessoas presentes. A modalidade à distância facilita a</p>		

<p>quem não tem esta facilidade, dando tempo de pensar, refletir e elaborar uma resposta. Ponto negativo a não participação de todos que se inscreveram e se dispuseram a participar e os prazos curtos para a realização das tarefas, principalmente as primeiras. Ponto positivo a aproximação entre as escolas do campo através dos relatos, saber que embora com realidades diferentes temos muito em comum. Acho que foi uma excelente oportunidade de conhecer as ações e expectativas de todos. Não. Nem cogito porque a internet na escola é muito precária e muitos alunos não tem acesso em suas casas. Sim. Positiva. Participei de todas as atividades, acompanhei os relatos e consegui me posicionar. Pessoalmente talvez tivesse me calado e ouvido. A tecnologia digital é sempre positiva se bem direcionada. A utilização da internet para que se tenha acesso a conhecimento que não estaria disponível de maneira tradicional ou distante economicamente da realidade dos professores da rede. Uma proposta inovadora com excelente propósito que deve ser continuada a fim de colher resultados.</p>		
<p>Sim. Para troca de experiências. Aprimoramento. Sim. Não. Tempo para reflexão e contato com o outro. Positivo: agilidade. Negativo: falta de contato com os interlocutores. Já, usei em sala para troca de conteúdo. Vídeo aula. Celular. Atual, e... Rápida. Prático</p>		
<p>Sim. Na maioria das vezes. A formação continuada é uma oportunidade de trocas de experiências, reavaliarmos nossos processos pedagógicos. Sim, tenho familiaridade. Sempre utilizei em sala de aula. Nunca participei. Posso ter como exemplo somente</p>		

<p>este no qual participei. Sendo sincera, acredito que poucas mudanças foram realizadas, já que, neste método o diálogo é extremamente difícil. São realizados, nesse sistema, comentários e não trocas. O ponto positivo foi a disponibilização de tempo para a realização de atividades. Não sei se a proposta foi essa, mas acredito que faltou moderação nesta formação. Não houve diálogo, apenas comentários que se perdiam em meio a tantos outros. Através de uma moderação, abre-se discussão, geram-se questionamentos e possibilitam um desenrolar natural da reflexão. Para o uso do whatsapp, ainda não. Sim. Acredito que a real importância disto foram as reflexões que realizamos em grupo, na escola. Acredito muito no uso das tecnologias em sala de aula e vejo o uso delas nas formações também como uma maneira de trazer possibilidades criativas ao professor. Um espaço para colocar opiniões sobre os textos e teóricos. Acredito que, para os professores que não participavam de formações, este método pouco contribuiu para a mudança de pensamento.</p>		
<p>Ultimamente não tenho participado, pois a escola q trabalho não possui professor substituto. Eu acho importante a troca de experiências e troca de ideias. Não tenho familiaridade e não costumo usar. Não, nunca. Só participei dos presenciais. Não me identifiquei com esse tipo de formação. Não. Whatsapp. Não, proveitosa! Acho muito importante, e necessária. Um grupo que daria muito certo, se o processo de formação não fosse majoritariamente virtual!!</p>		
<p>Costumo participar, desde que não prejudique muito a ausência na escola. Importante para atualização</p>		

<p>dos temas que surgem na área educacional. Procuro ir aprendendo. Cada vez mais, procuro utilizar como meio didático. Sim. Foi gratificante, porque era um grupo grande de colegas e comentavasse várias situações. Comodidade de horários; diminuí contato entre colegas; especifica mais a discussão. Positivo: possibilidade de formação. Negativo: exigir encontro de colegas, porque é difícil gerar o encontro e manter as aulas. Sim. Formação de grupos para comungar pontos de pesquisa, bibliografia e organização dos trabalhos. Pelo celular. Interessante, visto ser um novo meio de gerar uma formação. Estimular e facilitar está formação. Uma estratégia inovadora.</p>		
<p>Sim. É o melhor para poder conciliar trabalho e estudo. Ela é fundamental. O profissional do magistério está diretamente inserida nas mudanças diárias. Para isso, é muito importante estar me atualizando e estudando. Sim. Sim. Foi bastante enriquecedor. A modalidade presencial também é importante por poder expor e compartilhar ideias e pensamento diretamente com as pessoas de forma "direta". Já o a distância facilita mais por ter mais tempo hábil para podermos participar. Positvos: interatividade e conhecimento de outras realidades. Negativos: muito próximo ao final do ano letivo. Quando temos muito trabalhos burocráticos para fazer. Sim. Celular. Excelente. É fundamental. Pioneiro.</p>		
<p>Sim, pois na maioria das vezes, escuto alguma coisa que me faz repensar e acrescentar na minha prática. Melhorar a nossa prática. Sim. Estou sempre utilizando o laboratório de informática para a execução de projeto. Não. Na</p>		

<p>modalidade presencial, o melhor é que conseguimos conversar olho no olho. Já na modalidade não presencial, não temos a questão do olhar, mas nos temos mais tempo e tranquilidade para responder as provocações feitas. Pontos negativos foi em relação as duas últimas questões que parece que não havia mais o grupo, algumas pessoas não participaram. Os pontos positivos foi poder pensar bastante antes de escrever e o certificado. Sim. Fazer um grupo com meus alunos para esclarecimentos de dúvidas, sugestões de atividades. Não. Foi um pouco tumultuada no início, já que estávamos organizando uma mostra e o show temático. Eu estava todo tempo com meus alunos ensaiando e em casa organizava mais coisas. Após o evento foi mais tranqüilo. É muito importante e ajuda bastante na aproximação com os alunos, que muitas vezes, ainda nos dão várias dicas. Foi um começo importante, uma tentativa válida de nos conhecermos melhor. No entanto, penso, que poderíamos ter uma participação maior dos idealizadores, isto é, poderíamos dialogar mais.</p>		
<p>Sim. São diferentes ao que o professor experimenta no dia-a-dia. Sim. Na elaboração de material didático, provas, atividades e outros afins. Sim. Fui Monitor e Professor do Curso de Especialização TIC-Edu (FURG). A modalidade a distância possibilita flexibilidade dos horários, ao mesmo tempo, em que exige dedicação do envolvido nesse processo. Sua inovação e a possibilidade de trocar experiências e conhecer outras realidades das Escolas do Campo, além daquela que normalmente conhece diariamente. É uma possibilidade, mas com os alunos regulares e</p>		

<p>menores de idade deve ser bem amadurecida e pensada. As duas: para textos e reflexões maiores a versão web; para acessar as mensagens a versão do celular Interessante e nova. Importante. Interessante e proveitosa</p>		
<p>Sim, dentro do possível. A docência no campo e a carga horária de 60 horas dificultam. O repensar, se atualizar, trocar experiências, compartilhar conhecimentos. Sim, as utilizo na minha prática e vida pessoal, muito. Sim, tentei uma pós graduação a distância, não tive a assessoria prometida pela universidade e não consegui concluir o trabalho de conclusão. O estudo solitário para mim é difícil, a minha forma de ser precisa de grupo de discussão, algum momento, ao menos, de olho no olho. Para mim foi muito difícil estas últimas atividades, não tive retorno da própria escola, até agora estou esperando pelo PPP e pelo regimento. A ideia foi incrível, uma ótima oportunidade de integrar todas escolas do campo. Não, vocês foram muito criativos. Adorei. Não. Algumas atividades me deixaram numa saia justa. Por isso, me calei. O professor deve se integrar ao mundo digital e explorar todas suas potencialidades, essa é isso realidade dos estudantes. Devemos fazer parte dela. Uma ótima ideia, deveria ser realizado num período de início de ano letivo onde teríamos mais tempo para nos organizarmos na escola.</p>		
<p>Sim, sempre gostei de atualizar meus conhecimentos e saber novas metodologias e práticas docentes. Quem costuma frequentar formação continuada não corre o risco de trabalhar sempre na mesmice cotidiana. Sim e acredito que contribuem bastante na aprendizagem dos estudantes pois sentem-se estimulados. Não.</p>		

<p>Penso que a modalidade presencial nos coloca frente a frente com palestrantes e colegas e este diferencial nos aproxima mais e o debate não se perde entre as postagens. Acredito que não se deve estabelecer esta diferença entre professor do campo e cidade. Existem professores que independente da denominação sempre farão a diferença, porquanto há muitos profissionais que estão desistimos dos e isso reflete nos seus perfis. Meus alunos costumam me enviar seus textos pelo WhatsApp. Eu corrijo e devolvo sem macular o texto do aluno haja vista que esta modalidade é rápida, eficiente e sem correções com caneta vermelha. Sempre utilizei pelo celular. Achei válida, mas a aceitação por parte dos colegas que saíram do grupo por conta do formato que não os agradou é questionável. É de suma importância já que as tecnologias estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano e no dos estudantes mais ainda. Achei válido todos encaminhamentos e gostei principalmente da comodidade de ler os comentários dos colegas e fazer os meus quando tinha tempo.</p>		
<p>Sempre, amo formações e penso estar em constante processo de formação em todas as esferas da vida. Primordial para visitar e refletir sobre as práticas mudamos assim, o cenário da educação. Sim. Sim, realizei especialização e fui professora da pedagogia da Furg EaD. Esse processo foi proveitoso e proporcionou ampliar conhecimento. Sou suspeita em falar de formação, pois acredito nesse meio como ressignificação das práticas. Tempo e disponibilidade, vontade e perseverança. Penso que o processo ressaltou muitas aspectos</p>		

<p>positivos considerando que nos permitiu adentrar conhecimentos sobre escolas do campo, visitar nosso PPP e visualizar outras realidades dentro do campo. Somente ressaltar como negativo o período em que a formação aconteceu e acabou sendo visto pela maioria como algo a mais. Somente com os alunos. Não, somente pelo celular. Sempre positiva por nos possibilitar perceber dentro da educação outras possibilidades. Essencial para dialogar entre processo ensinar e aprender dos professores e alunos. Uma possibilidade de revisão de aspectos teóricos importantes para solidificar nossa prática.</p>		
<p>Sim. Acredito que a formação continuada nos permite o contato e convívio com outros colegas que compartilham das mesmas dificuldades que nós e também sempre acrescenta algo ao conhecimento que já temos, contribuindo com o nosso crescimento profissional. Não muito. Não. Não participei. Positivos O contato com outros colegas que vivem outras realidades. Um jeito mais fácil de poder responder as questões de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um. Negativo Não estar diretamente em contato com os colegas. Somente para transmitir recados. Não. Uma novidade a ser experimentada. Muito importante. Às vezes não sei usar. Até aqui uma nova experiência. Uma tentativa para ver como funciona.</p>		
<p>Sim. Pois sou um professor que me desacomodo com facilidade e isso gera a necessidade de estar sempre em formação. A formação continuada tem a importância de manter o professor sempre ativo. Sim, a medida que tais tecnologias são disponibilizadas. Em um</p>		

determinado momento da minha carreira quando passei a me desacomodar com alguns processos de aplicabilidade da disciplina em sala de aula, principalmente em relação a teoria e pratica. Em função disso busquei um curso a distância sobre praticas de ensino de português e literatura. Na modalidade não presencial o professor tem a possibilidade de administrar seus horários. Positivos: possibilidade de reconhecimento entre os pares a peculiaridade da educação do campo e as trocas de experiencias, sem que para isso houvesse a necessidade do deslocamento fisico. Enquanto que a parte negativa é que em alguns momentos a tradicional sala de aula é insubstituível, pois este meio serve de anteparo para o debate. Não, mas a experiência foi positiva, ja que houve formação. Sim. Boa e construtiva. Um meio moderno e dinâmico. Além de ser uma forma de nos aproximarmos dos alunos com uma tecnologia amplamente difundida por eles. Um projeto que até o momento tem mostrado sua importância e que pode ter sua implantação permanente.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC 1
<p>Na correria do dia dia muitas vezes é complicado participar de um processo formativo presencial, ainda mais quando se trabalha o dia inteiro, a semana inteira. É preciso ter tempo e disponibilidade vantagem da presencial é o contato real, humano, olho no olho. a relação com o educador, com os colegas é totalmente diferente: muito mais rica, muito mais possibilitadora de trocas e relações nos permite expressar não só através de palavras, mas de gestos, sentimentos o pensamento, reflexão e resposta tem que ser muito rápido. na formação a distância há mais tempo para reflexão de cada fala, materiais para leitura, e a oportunidade de expressão de todos os participantes. As formações na modalidade presencial, na minha visão, muitas pessoas acabam não expressando suas opiniões, visto que muitos falam num curto espaço de tempo Flexibilidade de tempo e espaço e liberdade de produção e estudo possibilitam uma maior interação pelas plataformas. Em tempos corridos como o nosso ajuda bastante praticidade de fazer em qualquer hora e qualquer local podemos responder quando tivermos tempo refletir e elaborar uma resposta É interessante whats é totalmente diferenciada para mim. Considerei mais prática, porque toda vez que alguém posta algo tu és alertado sobre isso, mas também mais fácil de perdermos o “fio da meada” porque se não lemos na hora que recebemos vai acumulando muitas falas diferentes. O mundo é digital É fundamental O professor deve se integrar ao mundo digital e explorar todas suas potencialidades, essa é isso realidade dos estudantes. Devemos fazer parte dela o professor que não se atualizar será engolido pelo sistema.</p>	<p>Na correria do dia dia muitas vezes é complicado participar de um processo formativo presencial, ainda mais quando se trabalha o dia inteiro, a semana inteira. É preciso ter tempo e disponibilidade. E a vantagem da formação presencial é o contato real, humano, olho no olho. A relação com o educador, com os colegas é totalmente diferente: muito mais rica, muito mais possibilitadora de trocas e esta relação nos permite expressar não só através de palavras, mas através de gestos e sentimentos. O pensamento, a reflexão e a resposta tem que ser muito rápido. Na formação a distância há mais tempo para reflexão de cada fala, materiais para leitura, e a oportunidade de expressão de todos os participantes. Nas formações na modalidade presencial, na minha visão, muitas pessoas acabam não expressando suas opiniões, visto que muitos falam num curto espaço de tempo. Por outro lado, flexibilidade de tempo e espaço e liberdade de produção e estudo possibilitam uma maior interação pelas plataformas. Em tempos corridos como o nosso ajuda bastante a praticidade de fazer as atividades da formação a qualquer hora e em qualquer local. Desta forma podemos responder quando temos tempo, refletir e elaborar uma resposta. A formação através do WhatsApp é interessante e totalmente diferenciada para mim. Considerei mais prática porque toda vez que alguém posta algo tu és alertado sobre isso. Mas também é mais fácil de perdermos o “fio da meada” porque se não lermos na hora em que recebemos a mensagem, vão acumulando-se muitas falas diferentes. O mundo é digital e é fundamental o professor se integrar ao mundo digital e explorar todas as suas potencialidades, pois essa é a realidade dos estudantes e, sendo assim, devemos fazer parte dela. O professor que não se atualizar será engolido pelo sistema. Eu gostaria de trabalhar com os alunos utilizando as tecnologias digitais, pois as mesmas permitem explorar possibilidades que antes seriam inviáveis. A formação de grupos do WhatsApp para comungar pontos de pesquisa, bibliografia e organização dos trabalhos também seria bem interessante. Iria</p>

gostaria de trabalhar com os alunos
permite explorar possibilidade que
antes seriam inviáveis

Formação de grupos para comungar
pontos de pesquisa, bibliografia e
organização dos trabalhos.

Estimular e facilitar esta formação

Eu considero uma excelente
oportunidade

Nem sempre é fácil a disciplina que é
exigida nesses tipos de processos,

porque às vezes damos prioridade para
outras atividades e deixamos para depois
as atividades formativas

Ao longo do curso fui perdendo a
conexão com as falas

o diálogo é extremamente difícil.

O estudo solitário para mim é difícil,

A modalidade presencial também é
importante por poder expor e
compartilhar ideias e pensamento
diretamente com as pessoas de forma
"direta"

mais e o debate não se perde entre as
postagens

acredito nesse meio como ressignificação
das práticas

Particpei de todas as atividades,
acompanhei os relatos e consegui me
posicionar

me senti mais a vontade para opinar e
participar.

Na modalidade presencial, o melhor é
que conseguimos conversar olho no olho
mas acredito ser uma solução boa para
continuarmos nos qualificando.

sem que houvesse a necessidade do
deslocamento físico

facilita a quem não tem esta a escola q
trabalho não possui professor substituto

ter materiais em uma página da web,
seria bom.

Foi gratificante, porque era um grupo
grande de colegas e comentavasse
várias situações

estimular e facilitar esta formação.

Eu considero uma excelente
oportunidade, afinal nem sempre é fácil a
disciplina que é exigida nesses tipos de
processos, porque às vezes damos
prioridade para outras atividades e
deixamos para depois as atividades
formativas. Ao longo do curso fui
perdendo a conexão com as falas e o
diálogo ficou extremamente difícil. O
estudo solitário para mim é difícil. A
modalidade presencial também é
importante por poder expor e
compartilhar ideias e pensamento
diretamente com as pessoas de forma
"direta" sem que o debate perca entre as
postagens. Mesmo assim, acredito nesse
meio como ressignificação das práticas e
particpei de todas as atividades,
acompanhei os relatos e consegui me
posicionar. Desta forma me senti mais a
vontade para opinar e participar. Na
modalidade presencial, o melhor é que
conseguimos conversar olho no olho,
mas acredito ser uma solução boa para
continuarmos nos qualificando sem que
houvesse a necessidade do
deslocamento físico. Isso facilita a quem
trabalha em escolas que não possuem
professor substituto. Ter materiais em
uma página da web, seria bom. Mesmo
assim, foi gratificante, porque era um
grupo grande de colegas e comentavasse
várias situações.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC 2
<p>Um projeto inovador e desafiador, Uma formação para fazer um elo entre escolas rurais, praticas, projetos e experiencias. Interessante, visto ser um novo meio de gerar uma formação interação e a possibilidade de fazer em grupo discutir assuntos do cotidiano com os colegas, conhecer a realidade de outras escolas praticidade no tempo e espaço da participação e troca entre escolas de realidades parecidas foi uma excelente oportunidade de conhecer as ações e expectativas de todos Conhecer a realidade e o trabalho de outras escolas rurais, refletir sobre a pratica pedagógica, trocar ideias... Tive a oportunidade de manifestar as minhas contribuições por meio deste curso comodidade de ler os comentários dos colegas e fazer os meus quando tinha tempo nos permitiu adentrar conhecimentos sobre escolas do campo, revisitar nosso PPP e visualizar outras realidades dentro do campo interatividade e conhecimento de outras realidades Enquanto as questões eram individuais participei ativamente, quando houve necessidade de discuir com o grupo, não tive apoio, acabei não respondendo algumas pessoas não participaram falta de contato com os interlocutores talvez precise ser dividido mais em encontros presenciais e a distância, em uma época do ano com menos atividade a falta de interação entre as escolas participantes o período em que a formação aconteceu e acabou sendo visto pela maioria como algo a mais deveria ser realizado num período de início de ano letivo onde teríamos mais tempo para nos organizarmos na escola</p>	<p>Um projeto inovador e desafiador, um elo entre Escolas Rurais, práticas, projetos e experiências. Interessante, visto ser um novo meio de gerar interação e a possibilidade de fazer em grupo discutir assuntos do cotidiano com os colegas, conhecer a realidade de outras escolas. Praticidade no tempo e espaço da participação e troca entre escolas de realidades parecidas. Desta forma, foi uma excelente oportunidade de conhecer as ações e expectativas de todos e refletir sobre a prática pedagógica, trocar ideias, etc. O tema não se desvirtua. A liberdade e tempo para responder, conhecer outros colegas, outras escolas, fora todo o aprendizado, deram a oportunidade de manifestar as minhas contribuições por meio deste curso, pois a comodidade de ler os comentários dos colegas e fazer os meus quando tinha tempo, nos permitiu adentrar em conhecimentos sobre Escolas do Campo, revisitar nosso PPP e visualizar outras realidades dentro do Campo. Enquanto as questões eram individuais participei ativamente, quando houve necessidade de discuir com o grupo, não tive apoio e acabei não respondendo. Algumas pessoas não participaram, e senti falta de contato com os interlocutores e de interação entre as escolas participantes. Talvez precise ser dividido mais em encontros presenciais e a distância, em uma época do ano com menos atividade pois o período em que a formação aconteceu e acabou sendo visto pela maioria como algo a mais. Deveria ser realizado num período de início de ano letivo onde teríamos mais tempo para nos organizarmos na escola. Uma excelente proposta de formação e iniciativa. Podendo ser aprimorada, quem sabe, para um grupo que daria muito certo, se o processo de formação não fosse majoritariamente virtual, mas uma oportunidade de integrar todas Escolas do Campo.</p>

a época do ano que foi lançada a proposta, muitas atividades na escola nesse período, dificultando a participação e o estudo mais aprofundado

o tema não se desvirtua. Liberdade e tempo para responder, conhecer outros colegas, outras escolas, fora todo o aprendizado.

Uma excelente proposta de formação. Excelente iniciativa. Podendo ser aprimorada

Um grupo que daria muito certo, se o processo de formação não fosse majoritariamente virtual

oportunidade de integrar todas escolas do campo

positiva por nos possibilitar perceber dentro da educação outras possibilidades

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC 3
<p>acredito que devemos estar sempre discutindo educação</p> <p>Essencial no aperfeiçoamento profissional</p> <p>reavaliarmos nossos processos pedagógicos</p> <p>nos sacodem para continuar buscando algo mais</p> <p>O aprendizado, a oxigenação e reflexão da nossa prática são os grandes frutos das formações</p> <p>nesses momentos podemos sempre aprender e nos atualizar</p> <p>através da troca com iguais podemos aprender</p> <p>Acho muito importante compartilhar saberes, continuar estudando</p> <p>Também temos o que compartilhar, práticas, métodos e experiências que podem ser de grande valia para outros colegas</p> <p>É fundamental para trocar ideias e enriquecer a prática docente</p> <p>Acredito que nunca estamos prontos, há sempre o que refletir e buscar aperfeiçoar</p> <p>existe uma preocupação com a formação dos alunos</p> <p>O repensar, se atualizar, trocar experiências, compartilhar conhecimentos</p> <p>não temos uma formação voltada para as peculiaridades desses alunos, desenvolvemos, conforme as necessidades, modalidades de ensino conforme nossas capacidades</p> <p>Acredito que não se deve estabelecer está diferença entre professor do campo e cidade</p> <p>a aproximação entre as escolas do campo através dos relatos, saber que embora com realidades diferentes temos muito em comum</p> <p>possibilidade de trocar experiências e conhecer outras realidades das Escolas do Campo</p> <p>São diferentes ao que o professor experimenta no dia-a-dia</p> <p>revisitar e refletir sobre as práticas mudamos assim, o cenário da educação</p> <p>permite o contato e convívio com</p>	<p>Acredito que devemos estar sempre discutindo a educação. Isto é essencial no aperfeiçoamento profissional.</p> <p>Reavaliarmos nossos processos pedagógicos nos sacodem para continuarmos o aprendizado, a oxigenação e a reflexão da nossa prática.</p> <p>Nestes momentos podemos sempre aprender e nos atualizar através das trocas, acho muito importante compartilhar saberes e continuar estudando, pois as nossas práticas, métodos e experiências podem ser de grande valia para outros colegas.</p> <p>Acredito que nunca estamos prontos, há sempre o que refletir e buscar aperfeiçoar. Existe uma preocupação com a formação dos alunos, pois não temos uma formação voltada especificamente para as peculiaridades deles. Desenvolvemos, conforme as necessidades, modalidades de ensino e, também, conforme as nossas capacidades. Não devemos focar apenas nas diferenças entre professores do campo e cidade, pois a aproximação entre as escolas do campo, através dos relatos, nos mostra que embora com realidades diferentes, temos muito em comum. A possibilidade de trocar experiências e conhecer outras realidades das Escolas do Campo mostra que no seu dia-a-dia os professores experimentam situações variadas. Sendo assim, ao revisitar e refletir sobre as nossas práticas, mudamos o cenário da educação. O contato e convívio com outros colegas sempre acrescenta algo à nós, pois na maioria das vezes escuto alguma coisa que me faz repensar e acrescentar na minha prática. Ao ter opções sobre o próprio tempo que será investido em estudos, fazer isto no conforto de nossa casa e, talvez estudar mais do que se precisasse gastar tempo em deslocamento, são fatores positivos em um processo de formação. É o melhor para poder conciliar trabalho e estudo, pois a necessidade de estar sempre em formação mantém o professor sempre ativo.</p>

outros colegas que compartilham das mesmas dificuldades que nós acrescenta algo ao conhecimento que já temos

na maioria das vezes, escuto alguma coisa que me faz repensar e acrescentar na minha prática

ter opções sobre o próprio tempo que será investido em estudos, fazer isso no conforto da sua casa e talvez estudar mais do que se precisasse se deslocar também são fatores positivos

É o melhor para poder conciliar trabalho e estudo

a necessidade de estar sempre em formação

manter o professor sempre ativo

